

fato⁶⁶ e razão

JUSTIÇA ELEITORAL



Fique
de olho!

MFC
Movimento Familiar Cristão

Recado dos editores

É com prazer que colocamos em suas mãos mais uma edição de nossa apreciada Revista.

Com certeza não passará despercebido por nossos leitores a ênfase que procuramos dar aos assuntos políticos, fruto de nossa preocupação com a eleição que se desenrolará proximamente, mas também com os futuros pleitos que se sucederão.

Obviamente procuramos utilizar textos que não implicassem num posicionamento eleitoral, em respeito à diversidade das correntes de pensamento de nossos queridos leitores, priorizando aqueles que sem viés partidário apontam os principais cuidados que devemos tomar com nossas decisões.

Alem desse objetivo, continuamos com a mesma preocupação de incluir na Revista a diversidade de assuntos de interesse permanente que a fizeram conquistar o respeito e a admiração de tantas pessoas.

O constante aperfeiçoamento de nosso trabalho é a diretriz que sempre orientou a administração da Revista.

Resta ao leitor nos manter permanentemente informados se nossos esforços estão correspondendo à sua expectativa.

66

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação
Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Fotolitos e impressão
DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1309
di.graf@terra.com.br

Capa: J. Bello

Circulação restrita, sem fins comerciais.

Sumário

- Mortes Prematuras, 2 Editorial
A esquerda no divã, 4 Frei Betto
A mídia e seus poderes, 7 Lúcia Tereza Carregal
O enfraquecimento da autoridade dos pais, 11 Deonira L. Viganó La Rosa
América Latina: Encruzilhada da Igreja, 13 Dom Demétrio Valentini
Bento XVI - Crítico da Cultura, 15 Leonardo Boff
Álcool e Adolescentes, 17 Jorge La Rosa
Dez razões para não bater nas crianças, 19 Jan Hunt
Aproveitar a vida, 22
Sementes do Coração na Terra da Vida, 24 Marcelo Barros
“A Igreja deve tornar a vida das pessoas mais fácil”, 26 Entrevista com Hans Küng
Eleições Municipais e Reforma Política, 31 Dom Demétrio Valentini
Poema, 33 Beatriz Reis
Eleição e Política, 34 Maria Rosa de Miranda Coutinho
Cuide de sua voz, 36
Brasil - Eleições de luta e paixões, 38 Manfredo Aráujo de Oliveira
O Nô da Terra, 41 Ermínia Maricato
Guilherme e o cidadão em tempo de eleição, 45 Oscavo Homem de Carvalho Campos
Temos diversos “eus”, conheça-os agora, 48 Patrícia Gebrin
Voto: A força da cidadania, 51
Tributo a um imprescindível: Dom Paulo Evaristo Arns, 54 Celso Lungaretti
Fato, Foto, Razão, 59
Não Fique Tão Sério, 60
Era Francisco de Assis um revolucionário?, 62 Frei Cristóvão Pereira, ofm
Os textos das páginas 31, 34, 38, 41, 51 e 54 foram publicados pelo boletim eletrônico ADITAL.

Data desta edição: setembro de 2008

MORTES PREMATURAS

O noticiário e as estatísticas assustam. Foram mortas no primeiro trimestre deste ano 1565 pessoas no RJ e 1197 em SP. Faltam ainda os dados dos demais estados. Predominam vítimas jovens de menos de 30 anos. Mortes muito prematuras frente à atual expectativa de vida. As mortes ocorrem nas disputas do tráfico de drogas e em seus confrontos com a polícia, muitas vezes em execuções programadas, como no recente episódio envolvendo militares transformados em seguranças de obras no Morro da Providência, no Rio.

Também em brigas de rua e em portas de boates. Morre-se ainda por balas perdidas e por acidentes de trânsito causados por motoristas imprudentes ou embriagados. Nas manhãs de fins de semana é frequente a visão de carros destruídos em batidas contra postes e árvores nas madrugadas das ruas das cidades.

Outro recente episódio resultou no assassinato de um jovem estudante em briga na saída de uma boate. O assassino foi um policial encarregado da segurança de outro jovem, o que revela uma realidade inquietante: jovens de classe média saem agora acompanhados de segurança armada para uma noitada que, aliás, costuma envolver consumo de álcool e drogas para explicar os acidentes das madrugadas e as brigas às cinco da manhã.

Um economista do IPEA pesquisou para calcular o número de anos de vida desperdiçados por essas mortes violentas por ano: mais de 2 milhões. Sendo economista completou: são 9 bilhões de reais anuais de prejuízo para o país com base no que poderiam produzir os que morreram tragicamente. O que fazer para reduzir esses números dramáticos? Medidas várias, naturalmente. A nova lei que pune

motoristas que ingeriram qualquer quantidade de álcool parece que vai ajudar a reduzir o consumo de bebida. Multas pesadas, prisão e perda da carteira de motorista começam a dar algum juízo no manejo do volante. Mais investimentos em segurança foram feitos em SP, o que pode explicar o número menor de mortos nesse estado em relação ao RJ. Testes de bafômetro poderiam se concentrar na saída de bares e boates nos fins de noite. Mais importantes as campanhas educativas persistentes, aquelas que mostram cenas assustadoras de acidentes de trânsito na telinha da TV e cartazes de rua. No enfrentamento do tráfico de drogas, mais profissionalismo e treinamento de policiais e a decisão cada vez mais consensual de não envolver as forças armadas em policiamento urbano ou caça a traficantes nos morros das cidades. Não lhes faltam fronteiras e milhares de quilômetros de litoral para pelo menos reduzir o contrabando de armas e drogas. No episódio antes lembrado, nas obras da favela da Providência, há aspectos especiais a ressaltar: não cabe ao governo contratar o exército para fazer obras. Neste caso, coube ao exército não apenas policiar mas também

contratar quem faria as obras. Não tem sentido dar esse encargo ao exército. Ao estado ou à prefeitura cabe essa função de licitar as obras para contratar a construtora mais capacitada que oferece o menor preço. Por esse desvio de função, revelou-se que os preços das reformas de casas ficaram três ou quatro vezes maiores.

Outro aspecto a condenar é a finalidade eleitoreira da obra, nessa forma de contratação estranha e na escolha das casas das áreas mais visíveis da favela. O candidato a prefeito em sua propaganda eleitoral inclui a proeza dessa obra à sua atuação individual junto ao governo federal, atropelando os âmbitos próprios desse tipo de intervenção.

O resultado desastrado foi a suspensão abrupta das obras pela justiça eleitoral, deixando casas destelhadas, enquanto choram as famílias dos jovens entregues por militares a traficantes para execução sumária na favela da quadrilha rival. Não se sabe se gratuitamente.

A Esquerda no divã

Frei Betto *

Sempre pensei que, entre tantos amigos e amigas, seria um dos poucos a morrer sem ter feito análise. Hélio Pellegrino, de quem fui muito amigo, sugeria que talvez o fato de viver em comunidade, em permanente relação dialógica, onde no passado não faltou nem a confissão auricular, explicasse essa minha insistência de coabitar pacificamente com meus anjos e demônios.

Acresce-se a isso o hábito de escrever e, ao fazê-lo, me revirar pelo avesso. A literatura é um os mais terapêuticos ofícios, tanto que Freud se viu tentado a preferi-la às ciências da psique. Com ele, entretanto, ganharam as duas, a ciência e a literatura, já que possuía um estilo cativante.

Na entrega do prêmio "Brasileiro do Ano", dia 11 de dezembro, o presidente Lula declarou: "Fiquei vinte e tantos anos criticando o Delfim Netto e hoje sou amigo dele.



É a evolução da espécie humana. Quem é mais de direita vai ficando mais de centro. Quem é mais de esquerda vai ficando mais social-democrata, menos à esquerda. E as coisas vão confluindo de acordo com a quantidade de cabelos brancos que você vai tendo. Se você conhecer uma pessoa muito

idoso esquerdista é porque ela está com problema. Mas se conhecer uma pessoa muito nova de direita também está com problema. Quando a gente tem 60 anos é a idade do ponto de equilíbrio. A gente se transforma no caminho do meio, aquele que precisa ser seguido pela sociedade."

O presidente talvez esteja lendo textos budistas e, tomara, abraçando as virtudes do caminho do meio recomendado por Sidarta. Ou quem sabe prefira santo Tomás de Aquino, que acentuava que "a virtude reside no meio". Nada de extremos, como frisou o presidente.

A opção social-democrata do presidente já havia se evidenciado no primeiro mandato, quando abraçou uma política econômica neoliberal, reservando cerca de R\$ 10 bilhões/ano ao Bolsa Família e R\$ 100 bilhões/ano ao Bolsa Fatura dos credores da dívida pública - o que vem entravando o sonhado e prometido desenvolvimento sustentável.

Atribuir razões psicológicas a quem, acima de 60 anos, é de esquerda, significa remeter ao analista eminentes figuras históricas: Fidel, Ho Chi Minh, Niemeyer, Antonio Cândido, dom Pedro Casaldáliga, dom Tomás Balduíno, Florestan Fernandes, Apolônio de Carvalho, Mário Pedrosa, Elza Monerat, João Amazonas, Gregório Bezerra etc. É o que Bush e tantos direitistas pensam: só pode ser louco quem ainda sonha com o fim da desigualdade social ou um "outro mundo possível".

Mais preocupante do que associar esquerda e "problema" é considerar um sinal de "evolução da espécie humana" sua recente amizade com Delfim Netto, que assinou o AI-5 e ocupou vários ministérios sob a ditadura militar: Fazenda (1967-1974), Agricultura (1979) e Planejamento (1979-1985). No governo Médici, sonegou os índices de inflação, prejudicando os

trabalhadores, o que levou Lula a liderar um amplo movimento operário pelos direitos de sua classe. Delfim jamais fez autocrítica de sua convivência com o regime ditatorial que prendeu, torturou, assassinou, baniu, exiliou e fez desaparecer centenas de pessoas. Ao contrário, justificou-o em seus escritos. E equivoca-se o presidente ao tentar atenuar a gravidade da ditadura brasileira comparando-a com a do Chile. A dor é irrealizável.

Se ser direita ou de esquerda é uma questão patológica me parece secundário. Como diz o poeta, de perto ninguém é normal. A questão é mais profunda: como se posicionar diante desse mundo em que 2/3 da população vivem abaixo da linha da pobreza? Segundo a ONU, 4 bilhões de seres humanos sobrevivem com renda mensal per capita inferior a US\$ 60. Ou US\$ 2 por dia. Aqui sim, só um louco ou um cínico pode afirmar que esse é o melhor dos mundos.

A questão me parece muito simples: é possível a espécie humana - e não apenas 30% da população mundial - evoluir em tais condições de miséria e pobreza? O que rege a política internacional, os direitos dos povos ou a ganância dos ricos? O lucro das grandes corporações ou o desenvolvimento

sustentável de toda a
humanidade?

Num mundo de tamanha desigualdade não se pode pretender neutralidade. Frente ao impasse da greve metalúrgica de 1980, dom Cláudio Hummes, bispo do ABC, foi convidado pela Fiesp a intermediar as negociações entre empresários e trabalhadores. Respondeu que não poderia fazê-lo, pois não era neutro, estava do lado dos trabalhadores.

Se o PSDB, repleto de eminentes figuras perseguidas pela ditadura,

foi parar nos braços da direita representada pelo PFL, e agora o PT bandeia para a social-democracia, os pobres que se cuidem. Walter Benjamin propôs às vítimas do nazismo "organizar o pessimismo". Com todo respeito, prefiro deixar o pessimismo para dias melhores. Frente à ditadura do mercado, é hora de organizar a esperança.

* Escritor, autor de "Gosto de Uva" (Garamond), entre outros livros.

ASSALTO - TV ASSINATURA

A criatividade dos nossos marginais chega às alturas.

Agora, principalmente em SP e RJ, estão enviando pelo correio, uma Carta com papel timbrado da NET, TVA, SKY, Directv ou outro qualquer canal de TV por assinatura. Na carta, que por sinal é muito bem elaborada, dizem que estão modernizando a sua tecnologia e que será necessária a substituição de equipamento dentro da casa do assinante. Eles colocam um número de um telefone (de um comparsa) para o agendamento. Se a pessoa não conhece o golpe e não resolve telefonar para o Verdadeiro número da Operadora de TV, para confirmar se isto procede mesmo, os marginais praticam o assalto em sua residência com hora marcada, e com você abrindo a porta e servindo um cafezinho.

Viram onde chegou a ousadia dos bandidos?

As próprias vítimas marcam o dia em que sua residência vai ser assaltada!!!!

Por favor, passem aos seus amigos, tenham eles NET, TVA, SKY, DirecTv ou outro qualquer canal de TV por assinatura, para que eles passem adiante esta mensagem.

A mídia e seus poderes

Lúcia Tereza Carregal*

outra parte, permitindo essa visão mais ampla.

Lembro-me, quando comecei a estudar jornalismo, que uma notícia vinda da Europa ou dos Estados Unidos demorava 2 a 3 dias para chegar e quase uma semana para poder ser avaliada pelos ótimos analistas e colunistas (que tinham, realmente, mais profundidade que os de hoje, talvez até devido à calma que tinham para refletir...)

Havia, como consequência, muitos lugares da Terra e, inclusive, de nosso país, que não tinham qualquer acesso ou divulgação, eram, como hoje para nós, regiões de Marte.

É verdade que a maior parte da mídia não exerce essa capacidade, seja por má-fé, por ignorância ou indiferença face à realidade. Mas a possibilidade está latente nos meios e, parece, está brotando em várias partes, embora ainda muito lentamente.

Pode-se dizer que até meados do século XX, era rara a mídia (jornais e rádios) que conseguia dar um panorama mais global da sociedade, não só em termos informativos como opinativos.

A imprensa era muito ligada a acontecimentos próximos; não se tinha uma real dimensão da notícia e de seus desdobramentos. Hoje, por um lado, os tão justamente criticados atributos da mídia - sua velocidade e dependência dos avanços da tecnologia - estão, de

Atualmente, com a colaboração até inconsciente da mídia, temos a instantaneidade e a ampliação crescente do conhecimento sobre fatos, locais, grupos sociais e modos de vida em todo o planeta e, especialmente, no Brasil.

Nada disso elimina os pontos negativos dessa mídia, que o Correio do MFC tão bem tem assinalado, mas pode, por outro lado, contribuir para um alargamento da visão de mundo e,

conseqüentemente, para o conhecimento mais aprofundado dos problemas e a perspectiva de soluções não tão limitadas.

Por exemplo, não se pensava na existência, antes, de questões seríssimas como a exploração infantil (sexual, inclusive), o trabalho escravo e outras que nos afligem ainda. Nada disso é novo, sempre existiu, mas não se sabia de suas dimensões. E mesmo os problemas novos, como a destruição ambiental, estão, com a ajuda da mídia, podendo ser combatidos pela própria conscientização de sua gravidade planetária.

É o contraste entre o global e o local. Essas duas categorias precisam ser relativizadas, pois nem todo global é ruim e nem todo local é bom. O global pode, realmente, ampliar a noção e a visão de mundo. E o local, no mau sentido, pode ser uma categoria limitante e fechada às discussões e práticas externas.

À instantaneidade com que a notícia é distorcida ou manipulada contrapõe-se a velocidade com que a consciência de um problema surge e começa a transformar mentalidades e, mais importante, atitudes.

Como exemplo bem atual, o aparecimento da discussão sobre o uso sem limites dos sacos plásticos, que de assunto praticamente inexistente há poucas semanas, transformou-se em questão de debate em todas as classes sociais.

Outro exemplo é a discussão que está se travando sobre o filme "Tropa de elite", que está chocando mais pela reação positiva dos espectadores ao endeusamento de uma polícia violenta que pelas cenas em si, de tortura e brutalidade. Não se pode mudar a aceitação das pessoas face à atuação da polícia, se não se colocarem, na mesa, as cartas de todos os participantes da questão.

Aliás, este último exemplo mostra, com clareza, a necessidade de se chamar à discussão, todos, absolutamente todos os que vivenciam os problemas. Se os favelados e excluídos em geral fossem chamados para discutir com a polícia e o tráfico sobre o que vêm e o que sentem, é provável que os termos do debate sobre a violência e a segurança estariam mais próximos da realidade e de sua superação.

O papel da escola

Em outra linha de raciocínio, a percepção de mundo da maioria

da juventude parece estar ligada não só ao que ela bebe da mídia em geral, mas também ao tipo de educação formal que continua recebendo das escolas, em todo o mundo. Não houve, das décadas de 50 e 60 para cá, a meu ver, uma real atualização (não de conteúdos, que até têm sido trazidos para o mundo escolar, mas sim, de formas e modos de viver).

Que escolas estão desafiando os preconceitos e colocando os alunos frente ao diferente, ao outro, de culturas diversas?

Quantos colégios estão desenvolvendo debates sobre situações em que tenham vez e voz os seus diversos participantes? Só isso já daria a base inicial para uma conscientização muito mais eficaz, e que inclusive permitiria aos jovens não serem envolvidos pelas tramas da mídia ou de outros poderes marginais.

Portanto, não se deveria culpar somente a mídia pela descrição e interpretação da realidade. Também a formação escolar é

responsável por comunicar mal aos estudantes as modificações trazidas pelo tempo em que vivemos.

Os jovens são altamente influenciáveis pela forma, em geral. E, no entanto, a escola ainda abusa de formas antigas, que nos eram adequadas, mas que hoje nada dizem aos jovens, como textos xerocados ou livros que ignoram totalmente, em seus conteúdos, a vida de quem os lê.



E, sobretudo, a escola hoje, praticamente, ainda não dá oportunidade de se vivenciar as mudanças de rumo em uma prática cotidiana, tipo aprender e desenvolver mecanismos de redes sociais e de troca de conhecimentos, descobrir novas formas de inclusão social e de minorias, se interessar por conhecimentos concretos de participação política (não partidária), assumir responsabilidades frente ao meio ambiente e outras áreas em que de fato o mundo progrediu e das quais a escola está tão longe...

O papel das famílias e do próprio Estado não pode ser minimizado nesta questão, porém as pessoas que os integram são formadas pela escola e municiadas (e até

manipuladas) permanentemente pela mídia, daí a maior responsabilidade destes últimos setores no equacionamento da visão de mundo e na capacidade de estimular transformações.

O USO DE REDES COMUNITÁRIAS POR ESTUDANTES

Um estudo a cargo do National School Boards Association e do LCC - Grunwald Associates - explora o comportamento dos adolescentes (teens) americanos e a forma de eles utilizarem redes colaborativas e sociais. O estudo comprova estatisticamente que 96% dos estudantes quando conectados a redes sociais colaborativas tais como: Chats, Mensageiros de texto, Blogs, ou visitando comunidades (Facebook, My Space ou Webkinz) gastam a maior parte de seu tempo discutindo ou refletindo sobre problemas educacionais. O estudo, com dados comprovados, indica que estes jovens estão discutindo em rede

o trabalho e o planejamento escolares, tentando aprender coisas fora da escola e planejando o acesso à universidade. Já há escolas pré-universitárias nos EUA que projetam construir, como parte de seus serviços educacionais, redes colaborativas, uma extensão do processo de aprendizado. O relatório, denominado "Creating & Connecting: Research and Guidelines on Online Social and Educational Networking", foi baseado em três coletas de dados online e cruzados entre: a) cerca de 1.500 estudantes de 9 a 17 anos; b) 1.000 pais de estudantes; e c) mais de 250 escolas líderes em suas regiões. Os levantamentos b e c foram feitos por meio de entrevistas estruturadas pessoalmente ou por telefone.

O relatório completo está disponível no link do Iasi:<http://www.e-iasi.org/DOWNLOAD/index.htm>

*Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio

“A liberdade não é bastante se não inclui a liberdade de errar.”

Gandhi

O ENFRAQUECIMENTO da AUTORIDADE dos PAIS

Deonira L.Viganó La Rosa*

Nem eu, nem você, podemos negar as vertiginosas transformações do meio sócio-cultural e da estrutura familiar. Dia a dia constatamos mudanças nas formas de relacionamento humano. Enxergamos, a olho nu, a crise de autoridade que assola o mundo e se estende para dentro da família. Ficamos perplexos, pois estamos convictos de que a autoridade é imprescindível a todo sistema bem constituído. Até mesmo Freud afirmava que os humanos necessitam imperiosamente de uma autoridade na qual possam apoiar-se.

A dessacralização da autoridade

É interessante revisarmos um pouco da história dos últimos séculos e assim entendermos melhor como a autoridade foi perdendo terreno na sociedade e na família. Percebendo o que aconteceu, talvez fiquemos mais tranquilos e possamos compreender que muito do que havia na família do passado era autoritarismo, e que a luta contra ele em nada justifica a ausência de autoridade nos dias de hoje. Na cultura tradicional vigorava a autoridade forte na relação do Estado com os súditos e no ambiente da família. Esta autoridade provinha de valores, costumes, normas. A

perda de autoridade dos governantes, incapazes de proteção e da manutenção da paz, modificou esta situação, que sofreu um colapso. Diante da dessacralização da autoridade política, a família entrou em crise...

Roudinesco, em a "A família em desordem"(2003), analisa a família em três fases evolutivas: a primeira, dita "tradicional", era regida pelo poder do pai. O pai recebia o poder do rei, que, por sua vez, o recebia diretamente de Deus, conforme acreditavam; a segunda, fase "moderna", é regida por uma lógica romântica, onde o casal se escolhe sem a interferência de seus pais, procurando uma satisfação amorosa, dividindo o poder e o direito sobre os filhos entre os pais e o Estado e/ou entre pais e mães. Finalmente, a terceira fase, "família contemporânea ou pós-moderna", onde a transmissão da autoridade vai ficando cada vez mais complexa em função das rupturas e recomposições que a família vai sofrendo.

A família "tradicional", submetida ao poder paterno, manteve-se por séculos e veio a abalar-se com a Revolução Francesa, que, ao propor um mundo

laico, atingiu a até então inatacável figura de Deus Pai e seus sucedâneos, os reis. Estes são dessacralizados e destituídos, enfraquecendo consequentemente os pais, que eram seu equivalente no seio dos lares. Esse modelo familiar desmoronou definitivamente no final do Século XIX. E a autoridade restou fragilizada.

Resgatando a autoridade dos pais

A autoridade de um pai, ou de uma mãe, se fundamenta num conjunto de valores por eles vividos, como por exemplo, falar a verdade, tratar o próximo com justiça, evitar excesso de bebidas, controlar a agressividade, dialogar, dar poder responsável ao filhos, não roubar, viver em paz com todos, ser solidário, etc. São esses valores e princípios que dão legitimidade às relações de mando e obediência. Sem eles os pais não têm "autoridade" para pedir a um filho que cumpra suas ordens.

A autoridade não é uma qualidade da pessoa, ela pertence ao reino da qualidade da relação: mantém-se, perde-se e recupera-se pelo modo de comportar-se. Para recuperar a autoridade, comece-se por melhorar, e muito, o comportamento e as relações dos próprios pais.

A autoridade é uma arma nas mãos de pais e educadores. Tanto a sobre-dose (autoritarismo) como sua insuficiência (lassidão) constituem traumatismos afetivos

cujos efeitos recaem sobre a personalidade da criança. Se somos totalmente contrários ao excesso de rigor, à disciplina pétreia, às regras descabidas, também recriminamos a frouxidão, a folga, a ausência de limites e de firmeza em exigir seu cumprimento. Na verdade, a demissão do exercício da paternidade está na raiz do problema. É preciso por o dedo na chaga e identificar a relação que existe entre o medo de punir e os efeitos anti-sociais, como a violência, por exemplo.

Uma das primeiras coisas que o ser humano aprende é que não pode tudo: muitas vezes na vida se sentirá frustrado e deprimido. É fundamental que desde criança viva experiências de frustração e que aprenda a tolerá-las e a administrá-las. Entretanto, reconhecemos que as experiências de êxito também são absolutamente necessárias.

O que os pais jamais poderão esquecer é que o afeto e a autoridade não são antagônicos, pelo contrário, são as muletas sobre as quais se apóia a personalidade vacilante do filho, da filha. Importa lembrar de novo que o que respalda a autoridade dos pais é o tipo de vida que levam: eles não podem pedir aos filhos que façam o que eles mesmos não crêem e não cumprem.

*Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia

América Latina - Encruzilhada da Igreja

Dom Demétrio Valentini *

Logo na chegada em Guarulhos, Bento 16 fez questão de ressaltar o significado de sua visita ao Brasil.

Alargou os horizontes de sua viagem, dizendo que veio para abrir em Aparecida a Quinta Conferência Geral do Episcopado da América Latina. Mas relacionou estreitamente este evento maior que o trouxe pela primeira vez a este continente onde reside metade dos católicos do mundo à Igreja do Brasil, assinalando que "este país deverá servir de berço para as propostas eclesiais que, Deus queira, poderão dar um novo vigor e impulso missionário a este continente". E fez questão de enfatizar: "O Brasil ocupa um lugar muito especial no coração do papa não somente porque nasceu cristão e possui hoje o mais alto número de católicos, mas, sobretudo, porque é uma nação rica de potencialidades com uma presença eclesial que é motivo de alegria e esperança para toda igreja."

A referência à Igreja no Brasil, para dizer que a partir dela poderá se desencadear um novo impulso eclesial, tornou-se uma insistência.

No encontro com os jovens, no estádio do Pacaembu, em tom de confidência, contou que foi fruto de

um desejo seu que a Conferência latino americana se realizasse no Brasil.

Na missa de canonização de Frei Galvão, o primeiro brasileiro nato a merecer a honra dos altares, enfatizou a influência positiva que este fato poderá suscitar, na esperança de despertar um generoso seguimento do seu exemplo.

E na mensagem dirigida aos bispos, na Catedral da Sé, voltou a insistir na mesma tecla, com estas palavras: "É um grande evento eclesial que se situa no âmbito do esforço missionário que a América Latina deverá propor-se, precisamente a partir daqui, do solo brasileiro. Foi por isso que quis dirigir-me inicialmente a vós, Bispos do Brasil".

Pois bem, a presença do Papa, aqui no Brasil, e a iminente realização do encontro extraordinário dos bispos em Aparecida, mostra a importância da Igreja da América Latina, em especial a do Brasil, para o conjunto da Igreja Católica no mundo.

A Igreja Católica percebe que aqui se trava o seu futuro, aqui se encontra a encruzilhada de sua história.

É a segunda vez que um pontificado se confronta, no seu início, com a Igreja da América Latina, e a partir dela define seu programa.

Em janeiro de 1979 João Paulo II fez sua primeira viagem ao México, por ocasião da Conferência de Puebla. Foi então que ele se deu



conta do impacto de suas visitas. A partir daí fez do seu pontificado um roteiro de viagens. Ele tentou fortalecer a catolicidade pela via do arrebatamento entusiasta de sua forte personalidade.

Agora a história se repete. A primeira viagem de Bento XVI para a Europa é esta, para a América Latina, e de novo a propósito de uma Conferência Geral do seu episcopado.

A Igreja da América Latina tem uma grande contribuição a dar para a catolicidade, contanto que seja entendida e valorizada, sobretudo na dimensão de inculcação, e de descentralização.

Nossa Igreja é herdeira da Europa. Ao mesmo tempo, ela construiu uma identidade distinta e assumiu um rosto próprio. Aí está sua

preciosidade. Pode servir de exemplo para a fé cristã se inculcar também em outros continentes, coisa que não aconteceu até hoje.

Por outro lado, em meio à pluralidade cultural hoje existente, a Igreja Católica precisa conciliar unidade com diversidade. Caso contrário, ela continuará perdendo

espaço, não acolhendo de si própria outras expressões eclesiás, com o risco de perder também sua missão primordial, de expressar a comunhão universal, justo no momento em que a globalização sinaliza para a urgência de uma unidade integradora das legítimas diversidades.

A insistência do Papa em colocar o Brasil como ponto de partida para esta empreitada, confere novo significado à canonização do Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro. Significou também a canonização da rica caminhada da Igreja do Brasil, na esperança de que ela aponte os caminhos para a reconciliação da fé cristã com a modernidade.

* Bispo de Jales, São Paulo.

Bento XVI, crítico da cultura

Leonardo Boff *

O que levou Bento XVI ao supremo pontificado foi o fato de ser um eminente doutor e não um conhecido pastor. Representa o típico teólogo acadêmico alemão, cuja faculdade de teologia se situa no interior da universidade do Estado. É a primeira entre todas as faculdades o que lhe permite um discurso transversal, em permanente diálogo com outros saberes. Tal fato confere à teologia em estilo alemão alto nível de criticidade e até uma discreta arrogância de ser a mais profunda e filosofante de todas na Igreja, a ponto de Lutero, ainda em seu tempo, poder dizer que "um doutor romano é um asno germano". Como teólogo acadêmico, Joseph Ratzinger se envolveu ativamente nas discussões sobre a identidade européia e sobre os desafios a modernidade.

É neste campo que se revela o alcance e também o limite de sua fecunda produção intelectual. Normalmente é assim como os filósofos do conhecimento nos ensinam que a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam e o que cada ponto de vista é a vista de um

ponto. Onde pisam os pés do intelectual Ratzinger e que vista seu ponto permite?

Indiscutivelmente ele pisa o espaço cultural da Europa central, portanto, a partir do grupo de países hegemônicos no mundo e sua vista depende daquele ponto a partir do qual vê o mundo e a Igreja. Com efeito, não vê na ótica dos pobres e dos oprimidos.

O que pesa em seu pensamento é o lastro cultural formado na escola de Santo Agostinho (+450) e de São Boaventura (+1274), sobre os quais escreveu duas brilhantes teses. Ambos têm isso em comum: o mundo é uma arena onde se enfrenta Deus e o diabo, a graça e a natureza, a cidade de Deus e a cidade dos homens. O pecado das origens produziu uma tragédia na condição humana: esta ficou tão decadente que sozinha não consegue se redimir e produzir uma obra que agrade a Deus. Precisa do Redentor, Jesus, que é continuado pela Igreja, dotada com todos os meios de salvação. Sem a mediação da Igreja, os valores culturais valem, mas não o suficiente para salvarem o ser humano e sua história. O mesmo

se aplica à libertação de nossa teologia.

Este tipo de teologia leva a uma leitura pessimista da cultura. Isso se percebe na leitura que o teólogo Ratzinger faz da modernidade. Nela vê antes de tudo arrogância, relativismo, materialismo e ateísmo, esforço humano em busca de emancipação por seus próprios meios. Missão da Igreja é desmascarar esta pretensão, levá-la clareza de princípios, segurança na obscuridade e verdades absolutamente válidas.

Esta teologia contém muito de verdade, pois há efetivamente decadência na modernidade. Mas esta não poupa também a Igreja que é feita de justos e pecadores. Entretanto, importa alargar o horizonte teológico. Faz-se mister inserir junto com Cristo uma teologia do Espírito Santo, praticamente ausente em Santo

Agostinho e no teólogo Ratzinger. Uma teologia do Espírito permitiria ver no mundo moderno, como fez o Concílio Vaticano II (1965) grandes valores como os direitos humanos, a democracia, o trabalho, a ciência e a técnica. Do anátema a Igreja passaria ao diálogo. Associar-se-ia a todos os seres humanos de boa vontade para buscar uma verdade mais plena, pois o Verbo "ilumina a cada pessoa que vem a este mundo" e o "Espírito enche a face da Terra" como dizem as Escrituras judaico-cristãs.

Como o Papa é sumamente inteligente pode bem ser que, face à nossa realidade, veja o que de bom está sendo feito para tirar as pessoas das consequências de uma perversa modernidade que negou a tantos os direitos, a justiça e a vida.

* Teólogo. Membro da Comissão da Carta da Terra

ISTO É MUITO IMPORTANTE

Cuidado com telefonemas e e-mails de desconhecidos. Não forneça nenhuma informação, endereço, números de telefone, CPF, identidade, número de cartão de crédito. Não disque nada que lhe for pedido por telefone.

Não acredite em mensagens sobre contas telefônicas, de luz ou internet, consertos na sua linha, atualização de cadastro bancário ou de qualquer tipo, não responda a prêmios que você teria ganho, não acredite que vai ganhar computadores ou DVDs se passar adiante uma mensagem, desconfie de tudo que não seja a chamada telefônica ou a mensagem de e-mail de uma fonte segura, um amigo ou conhecido em quem você confia.

Álcool e adolescentes

Jorge La Rosa*

Uma questão grave de saúde pública e segurança é o consumo cada vez mais precoce de álcool pelos adolescentes. Como entender o problema? O que fazer?

Dados

A imprensa noticiou recentemente dados de pesquisa inédita da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), segundo a qual 16% dos adolescentes entre 14 e 17 anos consomem bebidas alcoólicas em excesso, quer dizer, cinco doses ou mais durante um dia. O Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira, realizado pela Universidade Federal de São Paulo (2005/2006), revelou que 28% dos adultos (33 milhões) apresentam um padrão de consumo excessivo. Mostrou, ainda, que os adolescentes entre 14 e 17 anos iniciaram o consumo de álcool aos 13,9, enquanto os sujeitos entre 18 e 24 tiveram essa iniciação aos 15,3, quer dizer, com o passar dos anos, aumenta a precocidade, o que é alarmante. De acordo com a UNESCO (2002), no Brasil, a cidade de Porto Alegre, RS, lidera o ranking dos usuários regulares de drogas lícitas e ilícitas. A dependência química é o principal problema de saúde mental entre adolescentes, com o álcool em primeiro lugar. Fatores relacionados ao uso de álcool

Segundo pesquisas, diversas variáveis estão relacionadas ao uso de álcool pelos adolescentes:

- Ter amigos apegados ao álcool ou outra droga exerce pressão no adolescente para que ele se torne também consumidor. Como ser aceito no grupo, se ele não participa de seus hábitos?

- A presença somente da mãe no domicílio do adolescente está associada a um aumento de 22 vezes na chance deste ser dependente de drogas, quando comparado com adolescentes que viviam com ambos os pais. Traumas familiares, separações, violência doméstica, brigas, estão associados ao grupo de adolescentes com maior probabilidade de dependência. O papel dos pais e do ambiente familiar são marcantes no desenvolvimento do adolescente e na sua relação com álcool e drogas.

- Falta de apoio dos pais, uso de álcool pelos próprios genitores, atitudes permissivas dos pais ao uso de álcool, incapacidade de controlar os filhos, indisciplina e ingestão de álcool pelos irmãos, são fatores predisponentes à iniciação ou continuação do uso de álcool por parte dos adolescentes.

- Propaganda na mídia estimulando ao consumo.

Consequências do uso de álcool

O impacto da ingestão de álcool pelos adolescentes ainda não foi exaurido. Podemos listar alguns aspectos:

- O adolescente se sente estimulado a desafiar regras e normas e fica possuído pelo sentimento de onipotência. Acredita estar magicamente protegido de acidentes. Sente-se mais autônomo na transgressão, envolvendo-se em situações de maior risco e expondo-se a graves consequências.

- Envolvimento com acidentes automobilísticos: a principal causa de morte entre jovens dos 16-20 anos. O uso de álcool em menores de idade está mais associado à morte do que todas as substâncias psicoativas ilícitas em conjunto.

- Estar alcoolizado aumenta a chance de violência sexual. O adolescente envolve-se também em atividades sexuais sem proteção, com maior exposição às doenças sexualmente transmissíveis, como ao vírus HIV e maior exposição à gravidez. Induz a uma iniciação precoce de atividade sexual, não uso de preservativos, pagamento por sexo e prostituição.

- O consumo de álcool na adolescência está associado a uma série de prejuízos escolares que podem decorrer de déficit de memória, a qual se altera com o consumo de álcool. A queda no rendimento escolar, por sua vez, pode diminuir a auto-estima, o que representa fator de risco para maior envolvimento com experimentação, consumo e abuso de substâncias

psicoativas. Assim, a consequência do uso abusivo de álcool poderia levar o adolescente a aumentar o consumo em uma cadeia de retroalimentação, ao invés de motivá-lo a diminuir ou interromper o uso.

- O uso de álcool na adolescência expõe o indivíduo a um maior risco de dependência química na idade adulta, sendo um dos principais preditores do uso de álcool nessa etapa da vida.

- O córtex pré-frontal dos adolescentes, em desenvolvimento, pode ser afetado pelo uso de álcool, o que prejudicará o aprendizado de regras e tarefas focalizadas. O hipocampo, associado à memória e ao aprendizado, também é afetado, apresentando menor volume em usuários de álcool do que em sujeitos não usuários. Os adolescentes costumam associar lazer com consumo de álcool, ou só conseguem tomar iniciativas em experiências afetivas e性uais se bebem. Assim, aprendem a desenvolver habilidades com o uso de álcool, e quando este não se encontra disponível, sentem-se incapazes de desempenhar tais atividades, evidenciando outra forma de dependência.

O que cada um de nós pode fazer para encaminhar soluções?

*Terapeuta de Casal e Família.
Doutor em Psicologia

Dez razões para não bater nas crianças

Jan Hunt*

ineficaz a longo prazo, mas, é também injusta.

3. A surra impede a criança de aprender a resolver um conflito de maneira eficaz e sensível. Como diz Holt : <Quando assustamos uma criança, nós a impedimos de aprender>. A criança que apanha se concentra sobre seu sentimento de cólera e seus fantasmas de revanche . Ela é privada da oportunidade de aprender métodos mais eficazes para resolver um problema com o qual se enfrenta.



2. Em muitos casos, o que chamamos de <mau comportamento>, é apenas a única maneira que a criança conhece para expressar que suas necessidades básicas não estão sendo atendidas. É seguramente mau e injusto punir uma criança porque ela responde de uma maneira natural à sensação de uma necessidade importante que é negligenciada pelo adulto. Por esta razão, a punição não só é

uma má interpretação da Bíblia. O Livro dos Provérbios é atribuído a Salomon cujos métodos severos de disciplina fizeram que seu filho se tornasse um ditador tirânico e opressivo. Ao contrário, o Evangelho, o mais importante livro para os cristãos, contém ensinamentos de Jesus que incitam à piedade, ao perdão, à

humildade, à não violência. Jesus queria as crianças próximas de Deus e exortou ao amor, e não ao castigo.

5. Os castigos interferem no vínculo estabelecido entre pais e filhos porque não é da natureza humana sentir-se cheio de amor por uma pessoa que nos faz mal. O verdadeiro espírito de cooperação não pode desenvolver-se senão através de um laço forte baseado no amor e no respeito mútuos. O castigo, mesmo quando ele parece funcionar, não produz senão um comportamento aparentemente bom, porque se baseia no medo. Ao contrário, a cooperação baseada no respeito será instaurada sobre a bondade e será a origem de numerosos anos de felicidade mútua enquanto a criança e seus pais viverem juntos.

6. Numerosos pais jamais aprenderam, no curso de sua própria infância, que existem maneiras positivas de manter uma relação com as crianças. Enquanto o castigo não lhes permite alcançar os fins perseguidos, se os pais não conhecem métodos alternativos, há um risco de darem castigos mais e mais frequentes e que só prejudicam o encontro com a criança.

7. Quando as crianças não podem expressar, sem risco, a cólera e a frustração, estas acabam ficando

dentro delas; os adolescentes agressivos não surgem do nada. A cólera que se acumulou por longos anos pode causar um choque aos pais quando o filho se sente suficientemente forte para expressar sua raiva no presente. O castigo pode possibilitar um **<bom comportamento>** nos primeiros anos, mas será sempre pago a alto preço pelos pais e pela sociedade toda, quando a criança atingir a adolescência e a idade adulta.

8. Tapas nas nádegas, zona erógena para a criança, podem criar uma associação entre a dor e o prazer sexual, criando dificuldades na idade adulta. Se uma criança recebe pouca atenção de seus pais, salvo quando apanha, esta criança está particularmente sujeita a confundir os conceitos de dor e de prazer. Esta criança terá pouca confiança em si e acreditará que ela não merece nada melhor.

Junto às nádegas estão as extremidades da coluna e os rins. Palmadas nesta região podem ocasionar desgastes nervosos e, talvez, sejam a explicação da alta incidência de dores lombares nos adultos da nossa sociedade.

9. O castigo corporal transmite, ao mesmo tempo, esta mensagem injusta e perigosa: **<a força faz a lei>**. E faz com que seja aceitável bater em qualquer um, tanto mais

frágil melhor. A criança conclui, então, que é permitido maltratar os mais jovens e mais fracos. Quando se tornar um adulto, terá menos compaixão pelos que terão menos chance que ele, e temerá os que são mais poderosos. Isto vai impedir a criação de relações significativas, fundamentais a uma vida repleta em termos de emoções.

10. Como as crianças aprendem através dos modelos que seus pais representam, o castigo corporal transmite a mensagem que bater é uma maneira apropriada de exprimir seus sentimentos e de resolver os problemas. Se uma criança não tem a oportunidade de

ver seus pais resolverem os problemas de maneira criativa e sensível, será difícil ela aprender a fazer deste modo. Por esta razão, quando adulta, reproduzirá este tipo de paternidade incompetente com as gerações seguintes. Uma educação suave, sustentada por um forte alicerce de amor e de respeito, é a única e verdadeira maneira de obter um comportamento recomendável, baseado em poderosos valores pessoais, antes que um **<bom comportamento aparente, baseado unicamente no medo.**

*Psicóloga. Especialista mundialmente consultada no tema.

Saiba o que não falar

- Não seja violento nas palavras, no modo de falar e no tom da voz.
- Mantenha a calma e não entre na raiva.
- Fale com discernimento e gentileza.
- Evite fofocas, mentiras ou comentários maldosos.
- Nunca engane os outros.
- Não seja crítico.
- Evite ferir os sentimentos alheios.
- Não divulgue o segredo de alguém.
- Diga apenas o que beneficia os outros.
- Não culpe, não julgue e nem fale sobre os defeitos das pessoas.
- Fale sempre de assuntos bons, não perdendo tempo com conversas fúteis.

Aproveitar a Vida

Você aproveita a vida?

É muito comum ouvir as pessoas, e principalmente os jovens, dizendo que querem aproveitar a vida.

E isso geralmente é usado como desculpa para eximir-se de assumir responsabilidades.

Mas, afinal de contas, o que é aproveitar a vida?

Para uns é matar-se aos poucos com as comilanças, bebidas alcoólicas, fumo e outras drogas. Para outros é arriscar a vida em esportes perigosos, noitadas de orgias, consumir-se nos prazeres carnais.

Talvez isso se dê porque muitos de nós não sabemos porque estamos na Terra.

E por essa razão desperdiçamos a vida em vez de aproveitá-la. Certo dia, um jovem que trabalhava em uma repartição pública na companhia de outros colegas que costumavam reunir-se todos os finais de expediente para beber e fumar a vontade, foi convidado a acompanhá-los.

Ele agradeceu e disse que não bebia e que também não lhe agradava a fumaça do cigarro. Os demais riram dele e lhe perguntaram, com ironia, se a religião não lhe permitia, ao que

ele respondeu: "a minha inteligência é que me impede de fazer isso".

E que inteligência é essa que não lhe permite aproveitar a vida?

Perguntaram os colegas.

O rapaz respondeu com serenidade: "e vocês acham que eu gastaria o dinheiro que ganho para me envenenar? Vocês se consideram muito espertos, mas estão pagando para estragar a própria saúde e encurtar a vida, que para mim é preciosa demais".

Observando as coisas sob esse ponto de vista, poderemos considerar que aproveitar a vida é dar-lhe o devido valor.

É investir os minutos preciosos que Deus nos concede em atividades úteis e engrandecedoras.

Quando dedicamos as nossas horas na convivência salutar com os familiares, estamos bem aproveitando a vida.

Quando fazemos exercícios, nos distraímos no lazer, na descontração saudável, estamos dando valor à vida.

Quando estudamos, trabalhamos, passeamos, sem nos intoxicar com drogas e excessos de toda ordem, estamos aproveitando de forma inteligente as nossas existências.



Quando realmente gostamos de alguma coisa, fazemos esforços para preservá-la.

Assim também é com relação à vida.

E não nos iludamos de que a estaremos aproveitando acabando com ela.

Se você é partidário dessa idéia, vale a pena repensar com seriedade em que consiste o aproveitamento da vida.

E se você acha que os vícios lhe pouparão a existência, visite alguém que está se despedindo dela graças a um câncer de pulmão, provocado pelo cigarro. Converse com quem entrega as forças físicas a uma cirrose hepática causada pelos alcoólicos.

Ouça um gulos inveterado que se encontra no cárcere da dor por causa dos exageros na alimentação.

Visite um infeliz que perdeu a liberdade e a saúde para as drogas que lhe consomem lentamente.

Observando a vida através desse prisma, talvez você mude o seu conceito sobre "aproveitar a vida". A vida é um poema de beleza cujos versos são constituídos de propostas de luz escritas na partitura da natureza, que lhe exalta a presença em toda parte.

Por consequência, a oportunidade da existência física constitui um quadro à parte de encantamento e conquistas, mediante cuja aprendizagem o espírito se embeleza e alcança os altos planos da realidade feliz.

*Equipe do site
www.momento.com.br, com base
no livro "Vida: Desafios e
Soluções", cap. Alegria de Viver.*

Sementes do coração na Terra da Vida

Marcelo Barros *

Falar de semente é lidar com o cotidiano da vida, o mistério mais simples e, ao mesmo tempo, mais profundo da natureza. Quando, há dois mil anos, Jesus de Nazaré quis explicar aos seus contemporâneos como o projeto de Deus deveria se implantar no mundo, a primeira imagem a que recorreu foi a da semente: "Saiu o semeador a semear. Uma parte da semente caiu em terra boa, outra no meio da estrada..." (Mc 4). A semente é algo que traduz bem aquilo que une dois elementos aparentemente opostos: é algo que já está presente, mas, por outro lado, "ainda não" é a planta. É como uma criança já formada no ventre materno, mas ainda não nasceu. É semente.

As antigas tradições espirituais consideram a semente algo a ser venerado. Por causa da relação entre semente e parto, em muitas culturas tradicionais, as mulheres são as guardiãs oficiais das sementes, como sacerdotisas da vida contida em cada grão. Qual sacrário em um templo católico, as sementes são guardadas no pátio central da aldeia. Ninguém ligado a uma destas culturas pode imaginar uma semente sendo privatizada, como nunca aceitará que ela seja apenas um capital a explorar. Para as comunidades indígenas e camponesas, como para toda pessoa que em qualquer sociedade

valoriza uma espiritualidade ecológica, cada semente viva é o resumo de toda a energia cósmica, da potencialidade da vida. A evolução permanente do cosmos, em um processo de criação incessante, é ali retratada como em uma espécie de filme inacabado. Há alguns anos, um famoso cientista inglês escreveu um livro que trata não apenas de sementes, mas do surgimento e da evolução do cosmos. Entretanto, ele deu a este livro um título muito sugestivo e indicador desta verdade: "O universo numa casca de noz".

Infelizmente, para as empresas capitalistas e para a visão de mundo que elas divulgam, as sementes são apenas mercadorias a serem comercializadas. É com esta mentalidade que as multinacionais modificam o DNA das sementes, criam sementes transgênicas e as impõem ao mundo inteiro como mais resistentes às pragas, e, portanto, mais lucrativas.

As pesquisas sobre os efeitos para a saúde humana e dos animais, provocados por uma alimentação baseada em sementes geneticamente modificadas não estão ainda concluídas. Há quem pense que as poderosas multinacionais interessadas no comércio dos transgênicos não permitem a divulgação mesmo

parcial dos resultados. Por outro lado, cada vez mais a parte mais consciente da humanidade se organiza para que toda manipulação genética respeite a biodiversidade. A humanidade pode ser parteira da semente para ajudá-la a nascer, mas a vida que dela brota não é propriedade de nenhuma empresa e não pode contaminar as outras espécies. Ora, as sementes transgênicas acabam se impondo e destroem a variedade das sementes nativas. No Sudoeste da Ásia, os lavradores contavam com mais de dez mil variedades de arroz. Os agricultores selecionavam as próprias sementes. Hoje, depois que chegaram as multinacionais com sementes transgênicas, só existem na região cinco variedades de arroz. Esta é a tendência da agricultura mundial, se a sociedade civil não reagir.

Ao contrário desta invasão colonialista, a semente nativa, também chamada de crioula, tem nela inscrita a marca da presença e da resistência do povo da Terra. É símbolo de uma agricultura que persevera no cuidado com a vida da humanidade e da natureza. Entretanto, é mais ainda do que apenas sinal e símbolo. É instrumento da autonomia do lavrador que, através das sementes crioulas, não precisa depender das multinacionais com suas sementes de laboratório e seus defensivos agrícolas. Nas religiões, existe uma coisa que se chama "sacramento". Algo para ser sacramento deve ser não apenas sinal, mas, ao mesmo tempo, instrumento eficaz da

libertação e de vida. Em muitas culturas indígenas, o cachimbo da paz é sinal importante e instrumento de reconciliação. No Candomblé, comer juntos a comida do santo é mais do que simples refeição. É sacramento porque simboliza a comunhão com o Orixá. Do mesmo modo, mães de santo usam determinadas sementes de origem africana para saber o Odu, o misterioso caminho de cada pessoa e na festa da primavera (no Candomblé, é a festa das águas de Oxalá), cada pessoa tem um pano amarrado na cabeça, no qual está uma semente sagrada de Obi que, com a água será também oferecida ao Orixá. Isso significa que a semente é sagrada e nos revela qual é a semente interior do caminho que cada pessoa guarda na mente e no coração.

Conforme os Evangelhos, Jesus teve contato com os zelotas, um tipo de grupo revolucionário imediatista que queria mudar o mundo sem primeiramente educar o povo nem esperar que as condições históricas permitam a mudança. Jesus então contou a eles uma parábola que todo lavrador conhece por experiência: "O projeto divino (na linguagem de Jesus, o reino) é como um lavrador que planta a semente na terra. Depois disso, quer ele esteja velando no campo ou esteja dormindo, a semente, por sua própria força germina e cresce, sem que nem ele saiba como" (Mc 4, 26).

*Monge beneditino, escritor.

“A Igreja deve tornar a vida das pessoas mais fácil”

Entrevista com Hans Küng

A Igreja deve tornar a vida das pessoas mais fácil, e não mais difícil. Essa frase condensa as divergências entre dois dos maiores teólogos católicos do mundo, o suíço **Hans Küng**, 79, e o alemão **Joseph Ratzinger**, 80, o papa **Bento XVI** - para quem a Igreja deve ser uma comunidade, se preciso for, de poucos, mas de bons e fiéis.

Em entrevista concedida a Leandro Beguoci, enviado especial do jornal **Folha de São Paulo** a São Leopoldo, na Unisinos, ele diz que proibir métodos anticoncepcionais é ser co-responsável por um eventual aborto e que o celibato de padres é algo medieval. **Küng** ainda critica a visita do papa ao Brasil, por impor sua força em estabelecer padrões de moral sexual.

O teólogo chegou ao Brasil no sábado, quando concedeu esta entrevista exclusiva cujos principais trechos estão abaixo. Durante a semana, falará sobre seu tema predileto - a relação entre religiões e ética mundial - em sete conferências em seis cidades: São

Leopoldo (RS); hoje, Porto Alegre e Curitiba, amanhã, Brasília na quarta e na quinta, quando irá à Câmara dos Deputados e deve se encontrar com o presidente Lula; ainda na quinta vai ao Rio e a Juiz de Fora (MG), na sexta. Apesar do encontro cordial que teve com o papa em 2005, a relação entre **Küng** e a Igreja Católica ainda não é estável. Ele não falará em nenhuma PUC (Pontifícia Universidade Católica). Sua vinda é patrocinada, principalmente, pela **Universidade Federal do Paraná** e pelo **Instituto Humanitas Unisinos**, ligado aos jesuítas.

Eis a entrevista.

Uma das frases mais conhecidas do sr. diz que só haverá paz no mundo quando houver paz entre as religiões. A humanidade precisa de religião para ter paz?

Há muitos argumentos contra a religião. Um deles é que ela legitima e provoca guerras, preconceitos, violência. Por outro lado, as religiões também têm uma

função positiva. **João Paulo II** foi contra a guerra no Iraque. Onde as religiões estiveram favoráveis à paz, propiciaram a paz. As religiões podem ser instrumentalizadas, assim como a música.

No início de seu pontificado, Bento 16 sugeriu que o islamismo é uma religião violenta.

Acho que ele sabe que cometeu um erro. Afinal, ele sempre se ocupou muito pouco do Islã, dedicou todo o seu tempo para estudar os teólogos católicos. Da mesma maneira que existe muita violência na história do Islã também existe na história do cristianismo. O papa aprendeu com o erro. Na visita à Turquia, visitou a mesquita Azul [a mais importante de Istambul], onde prestou seu respeito à religião islâmica.

Por que quem não tem religião deve se preocupar com isso?

Hoje, constatou-se que a religião é um fator político e que ignorá-la é um erro. Ela mobiliza milhões de pessoas. Condeno posições extremas. Uma delas é a religiosidade agressiva. Ela condena a separação entre Estado e religião, como os islâmicos que procuram transformar todo o povo muçulmano em extremista e como os imperialistas da Igreja Católica

Romana que querem fazer da Europa, no sentido de João Paulo 2º, um continente católico, como se todos os países dessem ser a Polônia. Outra posição extrema é a excessivamente laicizante. Alguns franceses laicos ainda não conseguiram digerir a Revolução Francesa. Essa é uma das posições tomadas no Parlamento Europeu por pessoas que se manifestaram contra a menção ao cristianismo como uma das raízes da Europa. A posição correta seria a que reconhece a importância da religião, mas não faz dela um fator de dominação.

O sr. defende a idéia de uma ética mundial, válida para crentes das mais diversas religiões, além dos ateus. Essa tese tem receptividade no Vaticano?

O papa também quer o diálogo entre as religiões. Quando estivemos juntos, discutimos esse ponto. Algo concreto que se pode fazer, e isso o papa também deseja, é uma nova forma de associação das lideranças religiosas mundiais que poderiam, juntas, afirmar princípios éticos comuns. Essa é a idéia do projeto de ética mundial que defendo. O princípio básico de que você não deve fazer ao outro aquilo que não quer que ele lhe faça é comum a

várias religiões e a muitas pessoas não-crentes. Ainda há quatro princípios importantes. O primeiro é não matar, e isso não vale só para quando se discutem questões como a do aborto, mas também para as guerras, para as favelas do Rio e para a periferia de Berlim. O segundo é não mentir, o terceiro, não roubar, e o quarto, não abusar da sexualidade. Não se vai resolver o problema da violência apenas com recursos policiais. Devemos mostrar esses princípios nas escolas, dizendo que eles não vêm de cima para oprimir os jovens, mas vêm para libertá-los.

Quando o papa esteve no Brasil em maio deste ano, ele não se reuniu com líderes das igrejas evangélicas pentecostais. Como construir esse consenso com religiões que se comportam como rivais?

Seria muito bom que o papa tivesse encontrado os líderes dessas religiões. Ele teria ouvido, muito provavelmente, quais são os pontos fracos da Igreja Católica, por que perdeu tantos fiéis. Como é que se pode pensar que não vão surgir várias comunidades menores quando, em São Paulo, há um padre para 200 mil pessoas?

Um fator que dificulta o surgimento de novos padres é exatamente essa lei medieval do celibato. A

Igreja precisa repensar essas coisas. Quando se toma uma posição de que a missa precisa ser celebrada segundo os preceitos romanos, acaba sendo muito chato. Por outro lado, você tem cultos dos pentecostais que são muito mais animados na sua liturgia, com gestos, canções. Quando a gente simplesmente imita essa liturgia, não é bom. Mas aproveitar elementos é bom.

Muitos atribuem a perda de fiéis no Brasil à teologia da libertação, que teria se preocupado mais com a pobreza do que com a alma.

A teologia da libertação foi uma das primeiras que falou de uma participação popular na liturgia. Se ouvesse tido mais espaço para ela na América Latina, provavelmente teríamos muito menos pentecostais.

Mas, desde o início, fui crítico em relação à predominância de elementos marxistas na teologia da libertação, em relação às ilusões de que se poderia ter uma grande revolução.

Quais são os maiores desafios da Igreja e deste papa?

O grande desafio da Igreja é não retroceder. O desafio do pontificado seria trazer novos impulsos para isso. Mas, até o momento, não

aconteceu. Não se pode ignorar que nós, da Igreja Católica, estamos em meio a uma grande crise. Manifestações do papa, como foram feitas no Brasil, mostram simplesmente a fachada de uma Igreja que nas suas estruturas mais profundas está em uma situação muito difícil.

O que o sr. tem em comum com Bento XVI?

Nós dois sempre servimos à mesma comunidade de fé cristã e sempre buscamos um cristianismo autêntico. A diferença se refere principalmente ao método. O papa defende o modelo romano como o único para todas as igrejas, seja na China ou na América Latina, o que, para mim, não é católico, no sentido de católico como algo universal. Minha opção é por um modelo pautado no Evangelho, no Novo Testamento, e isso possibilita muito mais o diálogo com as igrejas pentecostais e protestantes.

Há muitas católicas que fazem aborto. Que tipo de resposta a Igreja deveria dar a elas?

A solução não está nem em permitir tudo nem em reprovar tudo. Se o objetivo é evitar o aborto, o que é muito desejável, então seria preciso favorecer os métodos anticoncepcionais. Quem proíbe esses métodos é co-responsável pela existência de tantos abortos.

É tarefa da Igreja encontrar uma posição intermediária entre o tudo é permitido e o tudo é proibido, para trazer as pessoas para uma posição intermediária nas suas vidas. Esse caminho do meio seria, no caso de uma mulher que se vê diante da questão do aborto, tomar ela mesma a decisão. Depois, que ela não ficasse sofrendo problemas de consciência e de culpa, mas se visse satisfeita pela decisão. Mesmo segundo a teologia moral tradicional, uma consciência que comete um erro está justificada. A Igreja deve tornar a vida das pessoas mais fácil, e não mais difícil.

E aos homossexuais?

Também há posições extremas, ambas erradas. Por um lado, seria um erro ignorar que existem propensões homossexuais. No que diz respeito à vida individual, não cabe à autoridade clerical decidir.

Outra posição extrema é a que transforma a homossexualidade em um motivo de propaganda ou de exibicionismo e, por isso, muitas manifestações homossexuais não contribuíram em nada para a visão mais correta desse tema justamente porque se mostram de uma maneira desavergonhada, que repercute mal na opinião pública.

Há espaço para o debate sobre esses temas dentro da Igreja?

A verdade última pertence apenas a Deus. É impossível para qualquer ser humano, desde o fiel mais simples até o papa, dispor integralmente da verdade. É claro que existem algumas verdades realmente válidas, como esses princípios éticos que valem como consenso para toda e qualquer pessoa. Agora, há várias maneiras para se aplicar uma verdade. É natural que haja controvérsias sobre isso na Igreja. No que diz respeito às verdades complexas, não poderia ser simplesmente resolvido por uma ditadura, mas no debate. Se o papa se pronuncia contra a ditadura do relativismo, também precisaria ter claro que muitas pessoas têm muito mais medo é da ditadura do absolutismo, que muitas vezes vem de Roma.

Que tipo de relação o sr. tem com o papa?

Durante o pontificado de **João Paulo II** [1978-2005], tivemos uma relação muito tensa, ou nenhuma. Eu esperava muito que **Ratzinger** reagisse positivamente à carta que lhe enviei logo depois da sua eleição, pedindo uma conversa aberta, que **João Paulo II** jamais me concedeu. As nossas relações, hoje, estão muito mais distensionadas. Ele sabe que não abro mão de fazer críticas, mas posso fazê-las de maneira muito mais solidária. A posição dele é muito diferente da de seu antecessor. Mandei o segundo volume das minhas memórias para Roma e recebi uma resposta muito amigável.

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

**fato
e razão**

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 30 reais (4 números)

Preço para o ano 2008

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

Tel./Fax (32) 3218-4239

E-mail: fatoerazao@gmail.com

Eleições Municipais e Reforma Política

Dom Demétrio Valentini *

vontade dos eleitores que o constituiu este poder.

É urgente reverter esta expectativa. É preciso aproximar novamente o poder político de sua fonte, que é o povo.

A boa notícia é que, finalmente, o Poder Executivo, na pessoa do próprio Presidente da República, resolveu assumir a causa da Reforma Política, apresentando um projeto, que precisa ser debatido pelos cidadãos, receber o respaldo da sociedade, e ser aprovado pelo Congresso Nacional.

Mesmo ficando restrita ao âmbito infraconstitucional, para não precisar alterar a Constituição atual, esta proposta precisa comportar o fortalecimento da democracia direta, através da regulamentação do Artigo 14 da Constituição, que prevê o estatuto do Plebiscito, do Referendo e da Iniciativa Popular de Lei.

E aprimorar a democracia representativa, modificando o processo eleitoral, tendo como fulcro central o fortalecimento dos Partidos, que são os instrumentos indispensáveis para aglutinar a vontade política dos

Já estamos em tempo de campanha eleitoral, em vista das eleições municipais em todo o país, a se realizarem no próximo mês de outubro. A propaganda eleitoral gratuita começará na metade de agosto, conforme prevê a atual legislação eleitoral.

Em princípio, as eleições deveriam servir para despertar o interesse dos cidadãos para as causas do bem comum. De tal modo que todos pudessem expressar sua vontade política através dos mecanismos previamente estabelecidos. E o resultado das eleições se tornasse a garantia de que esta vontade dos cidadãos seria colocada em prática pelos candidatos eleitos.

No momento atual, uma constatação preocupa. Parece se alastrar uma apatia política. E cresce o descrédito dos políticos.

As razões são diversas. Mas todas convergem para nos alertar sobre o perigo do descrédito do próprio sistema político, pelas constantes frustrações dos cidadãos. Eles estão ficando saturados do distanciamento crescente entre o efetivo exercício do poder e a

eleitores e para colher suas propostas de organização da sociedade em vista do bem comum.

Aí se amarram algumas decisões que precisam ser definidas de maneira simultânea. O fortalecimento dos partidos pede a fidelidade partidária, que por sua vez encaminha para o sistema de listas organizadas pelos partidos, o que supõe o deslocamento da participação pessoal para dentro de cada partido, onde se exerce a primeira responsabilidade política dos eleitores, prática que é quase inexistente na tradição política brasileira.

É nesta perspectiva que se torna possível o financiamento público das campanhas eleitorais, que é pensado em vista

de garantir a igualdade de condições dos candidatos. E' inviável o financiamento público das campanhas, sem uma organização partidária que lhe dê um mínimo de racionalidade.

Em todo o caso, por limitadas que sejam estas propostas, elas têm o mérito de sacudir a participação da cidadania, e devolver um pouco de credibilidade ao esforço de aprimorar nosso sistema político, para que ele se torne instrumento de participação popular, e a política volte a ser exercida de maneira organizada e confiável pelos cidadãos, em vista do bem de todos.

* Bispo de Jales, São Paulo.

ÓLEO DE COZINHA

O que fazer com o óleo usado? Você sabe onde jogar o óleo das frituras em casa?

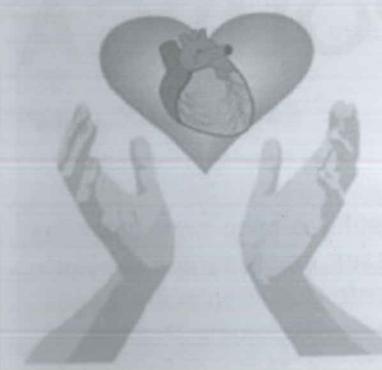
Mesmo que não façamos muitas frituras, quando o fazemos, jogamos o óleo na pia ou por outro ralo, certo?

Este é um dos maiores erros que podemos cometer.

Por que fazemos isto? - perguntam vocês. Porque infelizmente ninguém nos diz como fazer, ou não nos informamos.

Sendo assim, o melhor que se tem a fazer é colocar os óleos utilizados numa daquelas garrafas de plástico (por exemplo, as garrafas pet de refrigerantes), fechá-las e colocá-las no lixo normal (ou seja, o orgânico).

Um litro de óleo contamina cerca de 1 milhão de litros de água, o equivalente ao consumo de uma pessoa no período de 14 anos.



Beatriz Reis

*Corpo e alma marcados
pelos anos vividos,
por tatuagens indeléveis
carregos dentro de mim
um coração de criança.*

*Coração capaz de rir e de chorar,
de cantar e de calar-se
de brincar pelos caminhos da vida
e de partilhar a angústia,
trabalho dos infelizes.
Coração capaz de planejar coisas adultas,
responsáveis, e de tudo deixar
para dançar ao som da primeira flauta.*

*Coração capaz de comprometer-se,
de dar-se sem recuos,
de brincar de rodas e cantigas
gratuitamente, como qualquer coração de criança.*

P
O
E
M
A

*E é com esse coração que te amo,
que canto tua beleza
enquanto me olham, cheios de espanto,
aqueles que vêm apenas
as tatuagens indeléveis,
sinal dos tempos passados
sem perceber que, mesmo assim,
carrego um coração de criança.*

ELEIÇÃO e POLÍTICA

Maria Rosa de M. Coutinho*

O presente ano é, sem dúvida, de grande discussão política. Um ano eleitoral que começa a demonstrar que o povo brasileiro mais uma vez vive as decepções político-econômicas, mas, sobretudo, a desconfiança ao sistema representativo.

Continuamos com as dificuldades sociais de outrora como os escândalos de corrupção nas diversas regiões do país. Lamentavelmente, os estados e municípios andam comprometidos com a falta de ética e com o descaso quanto aos inúmeros problemas na saúde e educação principalmente.

A política está doente e isso graças à pouca importância dada à democracia que já estacionou, há tempo, nos antigos espaços e discursos políticos.

Embora a sociedade brasileira seja movida por um sistema político partidário, a democracia deixou de existir na verdadeira concepção da palavra, ou seja, deputados e senadores simplesmente deixaram de

representar o povo para defender interesses empresariais. Assim, de acordo com Benjamim Lago (Curso de Sociologia Política, 2002) houve várias definições de política na história da sociedade e... os gregos tendiam a associar política à ética. Tal visão pode dificultar a percepção de procedimentos antiéticos usados no exercício do poder...

Quando se percebe através de resultados concretos a inoperância e abatimento dos movimentos populares, é possível então afirmar que a política legítima necessita urgentemente de um antídoto contra as alianças mafiosas dos políticos, contra a incompetência dos que assumem o poder e contra o discurso demagógico e cínico de muitos líderes políticos que já foram chamados de "esquerda".

Em breve veremos os partidos se articulando a respeito de seu candidato e para isso haverá ainda muito jogo de cintura e declarações acaloradas. Contudo, o povo precisa estar ciente que a política atual e a que assistiremos na próxima eleição, é aquela que está doente há

décadas e tem como base os conchavos políticos que estão longe de interessar às reivindicações populares.

Talvez, os políticos carismáticos sejam mais uma vez os que irão agradar a opinião pública com suas promessas de campanha. Todavia, é bom lembrarmos que a política pura e verdadeira é a que guarda na memória a história e esta quem sabe tenha dificuldade de se impor.

Se a democracia social, política e econômica ficou para trás, a verdadeira política, que já adoeceu, permanecerá invisível aos olhos de quem espera muito mais do poder político, não só no Brasil, mas também na América Latina.

Dessa forma, concluímos que a política está decadente nos diferentes espaços de poder, insistindo em ignorar os interesses sociais tanto no que diz respeito a uma direção política internacional quanto numa escala

menor como a administração municipal.

O voto ainda é um exercício de poder, mas este deve tomar cuidado com o poder pouco democrático.

Por outro lado, apesar das deficiências aqui comentadas, é preciso ainda acreditar numa nova prática política, que deixa o campo do fanatismo ou da criminalidade e parte para um caminho aberto ao diálogo e ao compromisso com a justiça social.

Esperamos por uma nova política: íntegra, ética e bem intencionada. Não é possível que o poder sobreviva muito tempo dentro dos moldes atuais de representatividade. Por isso, resta-nos torcer pela boa recuperação da política que adoeceu.

* Professora universitária de Sociologia do IESVILLE de Joinville/SC

“Os ideais que iluminaram meu caminho e que sempre me deram uma nova coragem para encarar a vida, foram: a bondade, a beleza e a verdade”

Albert Einstein

CUIDE de SUA VOZ



A voz é produzida na laringe através da vibração das pregas vocais (popularmente conhecidas como cordas vocais), que realizam seu movimento graças ao fluxo de ar que vem dos pulmões na expiração e à ação dos músculos da laringe. Este som vai se modificando na faringe, cavidade bucal, nasal e seios da face. Por fim, é articulado transformando-se em fala.

Como todas as partes do seu corpo, a sua voz necessita de cuidados, já que você realmente precisa dela para se comunicar.

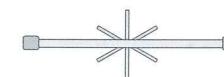
Confira, algumas dicas para ter uma voz saudável.

- hidratação do organismo: beber de 7 a 8 copos de água por dia, e em temperatura ambiente;
- em ambientes com ar condicionado, que resseca as mucosas, intensificar a hidratação;
- tossir ou pigarrear excessivamente provoca atrito nas pregas vocais, podendo ferí-las. Como mecanismo de proteção, há um aumento do muco para protegê-las do impacto. Isso se torna um ciclo vicioso, pois a secreção atrapalha a emissão da voz, forçando a pessoa a pigarrear de novo;
- utilizar tom grave ou agudo demais é considerado um abuso. O tom mais apropriado para a fala é o médio;
- falar excessivamente quando estiver gripado ou com crises alérgicas pode causar danos irreversíveis, pois os tecidos que revestem a laringe estão

inchados e o atrito das pregas vocais durante a fala torna-se uma forte agressão;

- praticar exercícios físicos falando pode gerar sobrecarga, pois durante a atividade ocorre aumento no fechamento das pregas vocais;
- fumar ou falar muito em ambientes de fumantes: o cigarro é altamente irritante às mucosas do trato vocal, além de ressecá-las e dificultar sua vibração;
- utilizar álcool em excesso: o álcool também é irritante às pregas vocais e tem um efeito anestésico que mascara a dor de garganta, propiciando abusos vocais;
- cantar ou falar abusivamente em período pré-menstrual não é aconselhável, pois nesse período várias regiões do corpo sofrem inchaço, inclusive as pregas vocais;
- falar demasiadamente causa sobrecarga vocal. As pregas vocais são músculos e também sofrem fadiga;
- falar muito após ingerir grandes quantidades de Aspirina (ácido acetilsalicílico). Ela provoca aumento da circulação sanguínea na periferia das pregas vocais. Com o atrito de uma prega contra a outra, há um aumento da fragilidade capilar;
- alimentação com excesso de condimentos provoca azia, má digestão e refluxo das secreções gástricas, que podem banhar as pregas vocais causando irritação.

Fonte: Ministério da Saúde



Brasil - Eleições e luta de paixões

Manfredo Araújo de Oliveira *

As eleições, que numa democracia constituem um dos atos mais importantes do exercício da soberania dos cidadãos, têm muitas vezes entre nós conduzido a um infantilismo político que leva a transformar a ação política num conflito de paixões individuais ou grupais. Não temos por que nos submeter passivamente a este engodo, pois o que realmente deve estar em jogo aqui são projetos a respeito da configuração da vida coletiva de nossa sociedade. Por esta razão mesma, as eleições trazem consigo muitas interrogações e muitas perspectivas que não devem ser esquecidas.

Neste contexto, gostaria de lembrar a partir de um documento do Partido dos Trabalhadores do final dos anos 90 algumas idéias fundamentais a respeito de nossa configuração societária que foram objeto de discussões no passado e que ainda deveriam constituir elementos centrais nos debates contemporâneos sobre os projetos que emergem como indispensáveis para o enfrentamento das questões de fundo que marcam

nossa vida coletiva.

Trata-se da questão central da pobreza e o primeiro que se afirma aqui é que ela não é um fenômeno isolado, assim como a desigualdade e a exclusão social, que se possa resolver pela via filantrópica ou assistencialista, mas que constitui uma manifestação inerente à dinâmica de um mesmo processo: o desenvolvimento e funcionamento do capitalismo nas condições específicas da realidade brasileira. As características estruturais da sociedade brasileira - passado colonial e escravocrata, padrão de inserção externa subordinada e dependente, organização social interna calcada no monopólio da terra, na concentração brutal da riqueza e em profundas desigualdades sociais e regionais, embora tenham assumido formas diferenciadas no curso de nossa história, não alteraram seus constitutivos essenciais. Uma estrutura de poder baseada no monopólio institucional das elites e na escassa representatividade dos

interesses populares continua restringindo de forma muito significativa a vigência efetiva dos direitos individuais e sociais.

Numa palavra, a pobreza não cai do céu, não é o resultado de um desequilíbrio demográfico ou da suposta inferioridade cultural ou menor vocação para o trabalho dos habitantes mestiços dos trópicos, nem também fruto da escassez de recursos naturais ou mesmo econômicos. A pobreza é o resultado de um determinado padrão de organização social da produção e da acumulação do capital de caráter estruturalmente dependente e excludente, cuja dinâmica conduziu à concentração da riqueza, da renda, do poder político e dos direitos dos cidadãos em mãos de uma elite patrimonialista carente de um projeto de nação e autocentrada na defesa e ampliação de seus privilégios. As mudanças de atores não implicaram nenhum avanço no encaminhamento de soluções à questão social, nem trouxeram a eliminação dos estados de pobreza anteriores.

O documento insiste no caráter insuficiente de políticas compensatórias e assistencialistas apesar de sua importância como ação

emergencial. Sem a mudança radical deste padrão de acumulação do capital e da riqueza que em sua forma atual multiplica os processos de concentração econômica e exclusão social, desconstrói a Nação e potencializa os mecanismos de dependência e transferência de renda para o exterior e sem uma transformação política que permita aprofundar e radicalizar a democracia em nosso país, não há possibilidade alguma de solução efetiva dos problemas da pobreza. Daí as exigências básicas: implementar um conjunto de políticas e ações direcionadas à criação de um novo modelo econômico e social, que configurem de outro modo os padrões de produção e consumo, a dinâmica do crescimento e da distribuição da renda e da riqueza como estabeleçam mecanismos de participação e controle social da população sobre o manejo da coisa pública.

* Doutor em Filosofia e professor da UFC

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



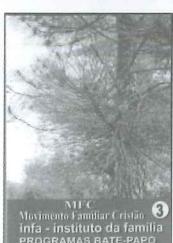
DVD 1

- "Drogas: dependência e recuperação"
- "Drogas: mitos e preconceitos"
- "Violência na família"
- "Família na escola"
- "Diálogo & diálogo"
- "Violência e insegurança"
- "Separações e divórcio"



DVD - 2

- "Drogas desafio para o educador"
- "Drogas: da negação à onipotência"
- "Criança agressivas"
- "Aprendizagem bloqueada"
- "Cuidar da voz"
- "Motricidade oral"
- "A família moderna"
- "Sexualidade"



DVD - 3

- "Violência urbana"
- "Insegurança e medo"
- "Idade e maturidade"
- "Ética – princípios que regem as relações humanas."
- "Ética na política"
- "Auto-estima sem narcisismo"
- "Casamento rompido"
- "Relacionamento conjugal e familiar"
- "Identidade e auto-realização"

O NÓ DA TERRA

Ermínia Maricato*

Saja no campo ou na cidade, a propriedade da terra continua a ser um nó na sociedade brasileira. Com a globalização, a partir dos anos 80, o problema da terra se agravou e tende a se tornar explosivo no mundo todo. Com o incremento do agronegócio baseado no latifúndio, produtos primários como minérios, celulose, grãos, carne, petróleo e etanol ganharam importância estratégica nos mercados globais, e hoje eles promovem a expulsão de camponeses do meio rural numa escala que virá a ser contabilizada na casa dos bilhões de pessoas. Na década atual, a população mundial passou de majoritariamente rural para preponderantemente urbana. E os países pobres, que ainda têm a maior parte de sua população no campo, são os que mais contribuem com a marcha para as cidades. A marcha é acelerada pela construção de barragens hidrelétricas, que



motivaram um movimento no mundo todo de despejados do território onde moravam. Tocados do campo, e excluídos do acesso à terra urbanizada ou a moradias formais, essa população migrante (e em alguns casos imigrante) se amontoa em favelas sem água, sem esgotos, sem transporte, sem emprego, sem escolas e hospitais. São pessoas que vivem num cenário dantesco, sobretudo nas metrópoles da África ou da Ásia do Pacífico, mas também na Índia emergente e em toda a América Latina.

Com isso, na Brasil, a nona economia do mundo, a questão da terra continua a se situar, mas de forma renovada, no centro do conflito social. Ela alimenta a profunda desigualdade (em que pese a recente pequena distribuição de renda) e a tradicional relação entre propriedade, poder político e poder econômico.

A questão da terra está no centro do conflito sobre combustíveis e,

portanto, também influí no aumento de preços dos alimentos. Ela é o cerne do conflito sobre a reserva indígena Raposa Serra do Sol e de quase todas as reservas indígenas e áreas de quilombos. Ela tem forte ligação com o desmatamento da Amazônia para avanço do agronegócio. Nas cidades, a dificuldade de acesso à terra regular para habitação é uma das maiores responsáveis pelo explosivo crescimento de favelas.

Como evidenciam diversas teses acadêmicas, a confusão no sistema de registro de terras é notável: cercas se movem, ampliando largamente ou superpondo propriedades. Esse fato não se limita aos confins do Brasil, mas pode ser observado com frequência mesmo na metrópole paulistana. Vários registros sobre o mesmo pedaço de terra (configurando alguns andares de títulos sobre a mesma gleba) obrigam governos a pagar diversas indenizações pelo mesmo objeto. Foi o que aconteceu, por exemplo, nos parques estaduais paulistas. Propriedades podem se deslocar de um local para outro. Precatórios sobre terras desapropriadas podem resultar, findo o processo judicial, em "superindenizações" com valores dez vezes acima do preço corrente de mercado. Segundo o próprio Incra, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, apenas 4% do território da Amazônia legal são regularizados - o que alimenta toda sorte de invasões e fraudes.

O mercado residencial legal do Brasil atende perto de 30% da população. Ele deixa de fora, em muitas cidades, até mesmo parte da classe média que ganha entre cinco e sete salários mínimos. Essas pessoas, legalmente empregadas, podem ser encontradas morando ilegalmente em favelas de São Paulo e do Rio. Grande parte da população urbana, sem qualquer alternativa legal, invade terra para morar. As terras que não interessam ao mercado imobiliário e são ocupadas pela população de baixa renda são exatamente as áreas de ecossistema frágil, sobre as quais incide a legislação de proteção ambiental. Áreas de proteção de mananciais, mangues, dunas, beira de córregos, várzeas, encostas íngremes e espaços cobertos por matas são as que "sobram" para a maioria da população. Ao sul da metrópole paulista, por exemplo, em apenas duas bacias dos reservatórios Billings e Guarapiranga, moram mais de 1,5 milhão de pessoas. Nenhuma grande cidade brasileira, nem mesmo a região metropolitana de Curitiba, escapa a esse destino de exclusão, segregação e depredação ambiental.

A ilegalidade da propriedade da terra urbana não diz respeito só aos pobres. Os loteamentos fechados que se multiplicam nos arredores das grandes cidades são ilegais, já que o parcelamento da terra nua é regido pela lei federal 6766, de 1979, e não pela que rege os condomínios, a lei 4591, de 1964. O primeiro e mais famoso dos condomínios - o de

Alphaville, em São Paulo - tem parte de suas mansões sobre terras da União. Moram em lotamentos fechados juízes, promotores do Ministério Público, autoridades de todos os níveis de governo. Eles usufruem privadamente de áreas verdes públicas e também vias de trânsito que são fechadas intramuros. Para viabilizar a privatização do patrimônio público, na forma de um produto irresistível ao mercado de alta renda, há casos de prefeituras e câmaras municipais que não titubearam em se mancomunar para aprovar leis locais que contrariam a lei federal. Ou seja, aprova-se uma legislação ilegal, bem de acordo com a tradição nacional de aplicação da lei de acordo com as circunstâncias e o interesse dos donos do poder.

Não é por falta de planos e nem de leis que se criou essa verdadeira terra de ninguém. O Estatuto da Terra, de 1964, relaciona a reforma agrária à "melhor distribuição de terra" e à "justiça social". Ele menciona ainda que "é dever do poder público: promover e criar condições de acesso do trabalhador rural à propriedade da terra". O Estatuto da Cidade, de 2001, é tido como um exemplo para o mundo, sendo objeto de cursos para urbanistas até na Holanda. Ele restringe e limita o direito de propriedade, subordinando-o ao "bem coletivo" e ao "interesse social". A função social da propriedade e o direito à moradia estão previstos na Constituição Federal, mas entre a

retórica e a prática vai um abismo. É comum que a aplicação da lei ocorra de forma inversa ao motivo que a inspirou - isto é, na prática, se afirma a concentração da propriedade e a exclusão ou despejo dos pobres.

A Lei de Terras de 1850, que pretendia fazer retornar ao Estado as terras devolutas ou públicas, ainda espera para ser concretizada. Durante mais de 150 anos, um incrível número de iniciativas, decretos, comissões, portarias, cadastros e leis complementares se sucederam e se repetiram sem jamais serem aplicados. Enquanto isso, as terras devolutas vão sendo invadidas, configurando uma gigantesca fraude que avança há mais de um século pelo território nacional e atualmente tem sua fronteira de expansão na Amazônia. A última iniciativa que alimenta a indústria da legalização da grilagem é a medida provisória 422, de março de 2008. Ela dispensa a licitação para a compra de terras públicas. Quem tem a titulação, ou simplesmente a posse de terras (e pela medida provisória a extensão pode chegar a até 1500 hectares), e quer regularizá-las, deve levar a documentação solicitada ao Incra. Evidentemente, pequenos posseiros e ribeirinhos não têm essa informação nem recursos para providenciar os documentos. Segundo um estudo do professor Ariovaldo Umbelino, da Universidade de São Paulo, só com base nessa medida provisória 60

milhões de hectares de terras públicas poderão ser privatizados.

Nesse cenário de caos, no qual a ilegalidade é mais regra do que exceção, é impressionante a criminalização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, por parte do judiciário e da polícia, além de grande parte da mídia. Os arrozeiros da reserva de Roraima são apenas um exemplo, entre milhares, de formação ilegal do latifúndio no Brasil, para o qual converge agora o interesse das poderosas corporações transnacionais ligadas ao agronegócio, à mineração e à produção de energia. A construção ideológica que cerca o conceito de propriedade privada é tão forte que, numa inversão completa de papéis, homens e mulheres que deveriam se beneficiar da aplicação das leis, e em nome dos quais elas são aprovadas, são acusados de se insurgir contra elas. Aqueles que foram objetos de tantas leis ignoradas, os desterrados, os acampados, as vítimas da violência das milícias privadas ou mesmo públicas, aqueles que não possuem nada além da roupa do corpo e os instrumentos do trabalho, são acusados de violência porque não aceitam o destino das favelas, do tráfico, das marquises nas ruas. Insistem no direito a um pedaço desse imenso território para plantar, principalmente alimentos. Vale lembrar que 70% dos alimentos consumidos

no Brasil vem da agricultura familiar e, portanto, da pequena propriedade (até 200 hectares). Comparada com a monocultura, a pequena propriedade tem uma relação diferente, menos danosa, com os fertilizantes químicos e com o uso da água. Por isso, ela é fundamental para a manutenção da biodiversidade. Assim, a pequena propriedade desempenha um papel importante na sustentabilidade ambiental, além de reter parte da população no campo. No entanto, mais uma vez, confirmando o evento da libertação (ou "libertação") dos escravos, os pobres são impedidos do acesso à terra.

Entre 2000 e 2005, foram assassinados 223 camponeses, religiosos ou advogados em disputas de terra. A criminalidade está, definitivamente, associada à pobreza no Brasil. Mas como a ilegalidade e a violência dos poderosos não têm a "aparência" de crime, ela continua vergonhosamente impune.

* Arquiteta e urbanista, professora da Faculdade de Arquitetura da USP. Foi secretária executiva do Ministério das Cidades (2003 a 2005) e secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo (1989-1992)

GUILHERME E O CIDADÃO EM TEMPO DE ELEIÇÃO.

Oscavo Homem de C. Campos*

Guilherme é um cidadão mineiro, tipo bem interiorano, cujo comportamento é marcado pela simplicidade e pela esperteza.

Pressionado a contrair um empréstimo consignado, pelo gerente de uma agência bancária, representativa da vontade de uma grande corporação financeira mundial, disse não se interessar pelo mesmo. Diante da insistência, ele encerrou a conversa com a

seguinte afirmação: - "Senhor gerente! - **Cada um sabe onde o próprio sapato aperta e como o calo dói.**"

Neste instante, um cidadão que ouvia a conversa, se apresentou e pediu licença a Guilherme para dizer-lhe da importância de sua decisão. O diálogo tomou outra

direção a partir do instante em que este disse ao primeiro:

- Em tempo de eleição é importante que as pessoas reflitam sobre a grave realidade dos que não podem sequer ter sapatos e no lugar dos calos costumam ter feridas, não apenas em seus pés, mas em sua dignidade humana.



Diante da perplexidade e do questionamento de Guilherme, o cidadão continuou: - Têm os pés no chão e a dignidade ferida:

- Os milhões de brasileiros que sofrem com a extrema miséria, buscando o que comer em latões de lixo e em lixões das cidades, quando se sabe que a miséria não deveria existir. Sabe Guilherme: - Nas cidades de porte médio, com cerca de 600.000

habitantes, as sobras de alimentos jogados no lixo dariam para alimentar, em cada uma delas, aproximadamente 17 mil famílias, m ensalhante. Ora, se não são os famintos que jogam comida fora, quem o faz e como isto ocorre?

- Os eleitores brasileiros, ao tomarem conhecimento de que dos 513 elementos que compõem a Câmara de deputados, 185 deles são réus, condenados pela prática de delitos. E ainda, que dos 81 senadores, 31 deles estão envolvidos em irregularidades. (revista Veja de 11 de junho de 2008). É fácil imaginarmos o que pode estar acontecendo com os eleitores traídos em sua boa fé, ao perceberem que as condutas marcadas pela corrupção e pela desonestidade se reproduzem nas administrações estaduais e municipais, passando a ser objeto de investigação policial e de noticiários.

- Os milhões de brasileiros, vítimas de uma mídia adulterada pela dominação ideológica da globalização da economia, transformados em simples consumidores, em virtude da ação dos reprodutores de tal ideologia. Eles levam as pessoas a cultivarem o messianismo, a animalização irresponsável do lazer, ao culto da vaidade e da beleza corporal impensada,

tornando-se geradores de consequências psico-sociais muitas vezes irreparáveis. É bem provável que a reprodução deste quadro comportamental sobre as pessoas acabe, por exemplo, provocando situações irreversíveis de anorexia, ao consumo irracional de anabolizantes ou mesmo a deformações irresponsáveis do corpo por cirurgias plásticas e prótese com silicone.

- Toda a Nação Brasileira, vítima de uma política educacional deturpada, onde as práticas educacionais são direcionadas para **ensinar a fazer e não a pensar**. Um quadro degradante no qual a missão de formar consciências críticas, tão necessárias à construção de uma sociedade nova e mais justa é relegada a uma situação de quase esquecimento. Nesta conjuntura, professores, antes educadores, passam a ser apenas preceptores; estudantes, antes educandos, agora são considerados clientes, freqüentadores de instituições de ensino superior cujas práticas são voltadas para o treinamento de mão-de-obra, muitas vezes em cursos rápidos, geradores de conhecimento e não do saber.

- Também deste quadro faz parte um grande nº de famílias cuja dignidade está migalhas, resultado da violência

institucional, passional, ou mesmo de omissão política. Vive-se em uma realidade de descrédito institucional e das autoridades onde aumenta o nº dos que passam a acreditar que "O CULPADO É QUEM MORRE".

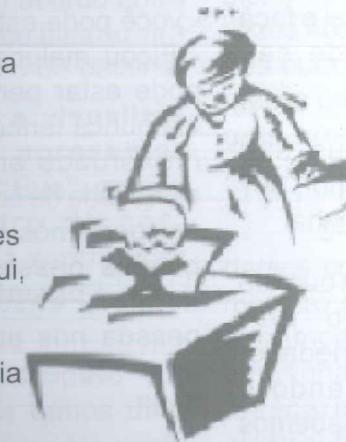
Ainda nesta linha, convivemos, no Brasil, com a ideologia da produção dos mega espetáculos, que levam multidões a uma situação de êxtase, quase hipnótico, geradores de fuga do real. Aqui, merece destaque, por exemplo, um campeonato mundial de automobilismo, as olimpíadas, um campeonato nacional de futebol, grande eventos musicais, os cultos religiosos que fazem de canais de TV grandes templos nacionais de exploração da fé,

ou mesmo as eleições, com seus ingredientes, que reduzem a análise das situações qualitativas, inerentes ao voto qualitativo, a uma simples questão de diferença medida por recursos da estatística.

- Todos os brasileiros, vítimas da perda de qualidade de vida, em virtude da destruição criminosa

da natureza, produzida por pessoas e empresas. Aqui, mais uma vez a saga do lucro, da riqueza e do poder se manifesta de forma avassaladora.

"Guilherme", ou qualquer outra pessoa, com cidadania plena, ao participar do processo eleitoral, em curso, nos municípios do Brasil, precisa decidir se seu voto será limitado ao perto do sapato e à or do próprio calo, ou e será voltado para a perspectiva da construção da utopia e um Brasil novo, onde a palavra democracia signifique mais: - Igualdade, liberdade, comprometimento com a conduta moral exemplar, fraternidade, justiça.



Participar de um processo eleitoral significa escolher criteriosamente e qualitativamente seus candidatos. É importante, ainda, evitar que outros votem erradamente. VOTO NULO, NEM PENSAR!

* Professor, Sociólogo, Coordenador do Movimento Familiar Cristão em Juiz de Fora – MG.

TEMOS DIVERSOS "EUS", CONHEÇA-OS AGORA

Patrícia Gebrim *

Quem é você?

Eu sei que não é usual, mas vou pedir que antes de começar a ler, você pegue lápis e papel e faça uma breve descrição de seu próprio eu. Pegou?

Ei! Cuide para que sua descrição fale do seu interior, ok? Espero você na próxima linha!

De alguma maneira quando nos referimos ao nosso "Eu", falamos com tanta propriedade, que acabamos acreditando e passando a idéia de que sabemos exatamente tudo o que somos. Eu tenho uma amiga, por exemplo, que sempre se descreveu e mostrou ser uma pessoa calma, controlada, sempre correta, daquelas que nunca perdem a hora ou esquecem de ligar no dia do aniversário de alguém. Até mesmo os seus cabelos acreditavam nisso, porque mesmo em meio a um furacão, continuavam irritantemente arrumados, sem nem mesmo um fio fora do lugar! Isso até o dia em que se viu no trânsito, olhos vermelhos, irada, berrando alucinadamente e perseguindo na contramão, o motoqueiro que sem

querer esbarrou no espelho retrovisor de seu carro.

O que aconteceu com ela? - você pode estar se perguntando - Ficou maluca? Ou então você pode estar pensando que talvez ela nunca tenha sido calma e que na verdade era uma alucinada disfarçada de cordeiro. Isso porque em geral nós sempre pensamos que as pessoas são isso "ou" aquilo. Pensamos que "ou" a pessoa nos ama, "ou" não nos ama. "Ou" é boa, "ou" má, e ponto final!

Fórmula do 'e'

O que eu proponho agora é que você arrisque, pelo menos durante a leitura deste texto, a trocar o "ou" pelo "e". Voltando à minha amiga, usando a fórmula do "e", eu poderia arriscar a dizer que ela era uma pessoa calma "e", ao mesmo tempo, uma pessoa raivosa, capaz de babar no capacete do motoqueiro, que de tão assustado quase bateu na banca de jornal.

O mesmo acontece com todos nós. Quando pensamos em nosso "Eu", na verdade seria muito mais correto imaginarmos muitos

"Eus" convivendo lado a lado. Quanto mais conhecemos cada um desses "Eus" e quanto mais contato um "Eu" tem com o outro, mais chance temos de ter uma vida pacífica. Mas quando esses "Eus" não se conhecem, e cada um tem a sua própria idéia da direção a seguir, fica difícil um acordo entre eles e o nosso espaço interno vira um verdadeiro campo de batalha.

Para ajudar você a visualizar tudo isso vou apresentar brevemente esses "Eus", que se acotovelam dentro de nós. Alguma vez você já sentiu uma cotovelada no estômago?

Vou começar pelo **Eu criança**. Todos nós temos uma criança dentro de nós. (Até você, acredite!) A criança dentro de você é aquela parte inocente, criativa, brincalhona e, sobretudo, espontânea. É ela que fica ansiosa quando você vai fazer alguma coisa nova. É ela que deixa você totalmente travado em frente a uma pessoa que você reconheça como uma autoridade. É a criança que faz com que você às vezes se sinta inseguro, mesmo sem motivo aparente. Ou que torna você teimoso, birrento e mimado, querendo que tudo aconteça exatamente como planejou.

Agora o **Eu inferior**, aquele lado que temos, mas gostaríamos de não ter. O Eu Inferior é feito de

todos aqueles sentimentos que consideramos negativos e que somos ensinados a evitar. É o "Eu" que sente ciúme, inveja, raiva, pensa coisas horríveis, persegue motoqueiros e muitas vezes tem uma assustadora vontade de "esganar" alguém. É como um bicho dentro de nós, que muitas vezes nos assusta até mais do que aos outros. Basta ver alguém em meio a um acesso de fúria para ter uma boa idéia desse tal de Eu Inferior.

S-o-c-o-r-r-o! Quando nos damos conta de que temos esse monstro horrendo dentro de nós, entramos em pânico e logo nos empenhamos em construir uma máscara para esconder essa aberração. Assim surge o **"Eu mascarado"**. Falso, falso, falso, esse "Eu" é uma criação, uma tentativa de sermos aceitos pelas pessoas e pela sociedade. É aquela parte que tenta ser boazinha, ou sábia, ou poderosa, e por aí vai. Tudo fingimento, é claro! Mas às vezes fingimos tanto e tão bem, que até nós mesmos acabamos acreditando que aquilo é real.

Você está localizando cada um desses "Eus" em você? Então imagine a seguinte situação... Sabe quando você vê, ao longe, aquela pessoa chata que sempre gruda em você e fala, fala, fala,

sem perguntar se você queria ouvir? O Seu Eu Criança talvez tenha vontade de sair correndo e se esconder atrás do poste antes que ela veja você. O Eu Inferior, por sua vez, talvez tenha o impulso de rosnar algo assim: "Como você consegue ser tão chata? Não suporto ficar ao seu lado, sabia?". Mas a Máscara é aquela parte sua que fica ouvindo, com cara de melão, sorriso amarelo pendurado, enquanto você pensa no tempo que está perdendo e torce para que aquela tortura termine logo de uma vez (é claro que isso nunca acontece, porque pessoas chatas assim a-d-o-r-a-m caras de melão!).

Calma, nem tudo está perdido! Dentro de todos nós existe também um **Eu que reflete** o que temos de melhor. Acredite, todo ser humano possui dentro de si a capacidade de ser sábio, de amar, de respeitar a si mesmo e ao próximo, de perdoar, e muito mais. Estou falando do "Eu

superior". Quando permitimos que esse Eu conduza nossa vida, aprendemos a lidar com o Eu Criança, a aceitá-lo, a amá-lo e ajudá-lo a crescer. É o Eu Superior que pode nos ajudar a curar o Eu Inferior, a transformar criativamente essa negatividade em uma força positiva. É o Eu Superior que nos ajuda a abrir mãos das máscaras e a nos aceitar exatamente como somos, pois ele nos lembra que somos divinos (com apimentados toques de imperfeições, é claro!). Leveza e humor são qualidades do Eu Superior e tornam todo o resto muito mais fácil.

Bem, acho que agora você já tem uma idéia geral. Vou indo por enquanto, mas deixo a sugestão de que você releia a descrição que fez de você mesmo e permita agora que TODOS os seus 'Eus' tenham espaço para se descrever na lista. Pode ser divertido, acredite!

*Psicóloga e escritora

É CEDO QUE SE APRENDE A DIRIGIR

Você quer que seus filhos sejam motoristas responsáveis? Então preste atenção no seu modo de dirigir. Um estudo feito pela Universidade Bar-Ilan, de Israel, mostra que as crianças não só absorvem o estilo de dirigir dos pais, como também são mais influenciadas pelos genitores do mesmo sexo. Ou seja, pais devem ser mais cuidadosos quando os filhos estão no banco de trás; as mães, quando as filhas estão presentes. Em média, aos 11 anos, surgem os estereótipos, com meninos dirigindo velozmente e infringindo leis de trânsito.

Fonte: Revista Seleções- Maio 2008

Voto: A força da cidadania

*Produzido pelo Núcleo de Estudos Sóciopolíticos da Arquidiocese de Belo Horizonte em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC de Minas Gerais. **

Você ainda se lembra em quem votou para vereador em 2004? Se respondeu sim, parabéns! Pois as pesquisas mostram que a maioria dos eleitores não consegue responder a essa pergunta.

Ao votar em uma pessoa, transferimos para ela um poder que pertence a cada cidadão e cidadã. É como se passássemos uma procuração para que outra pessoa decida em nosso nome, por um período de quatro anos. Essa procuração é o mandato dado pela Justiça Eleitoral, em nome da população. Por isso, todo cidadão tem o direito de cobrar dos eleitos que cumpram os compromissos assumidos na campanha e que trabalhem de maneira ética e responsável. O problema é que muita gente não tem consciência do seu próprio poder político e acredita que o mandato é uma conquista dos candidatos vitoriosos, um prêmio que recebem para usarem à vontade.

Vejamos as raízes históricas dessa alienação do poder cidadão.

Nos tempos do império, somente os homens livres, proprietários ou que provavam ter certa renda anual, podiam votar. A República ampliou o número de eleitores, mas até 1930 eles não chegavam a 5% da população total. Só em 1933 o direito de voto foi estendido às mulheres. Mas as pessoas analfabetas, soldados, cabos, índios e os jovens entre 16 e 18 anos só em 1988 conquistaram o direito de voto.

Felizmente, hoje o Brasil já tem mais de 100 milhões de pessoas legalmente aptas a votarem. É um grande avanço para a democracia, mas seria ingenuidade pensar que todas essas pessoas conhecem as regras jurídicas do processo eleitoral. No mês passado refletimos sobre as relações entre o Poder Executivo (prefeito e secretários) o Legislativo (vereadores). No próximo mês refletiremos sobre as regras das eleições proporcionais. Desta vez refletiremos sobre um grave problema.

A CORRUPÇÃO

A corrupção é um dos maiores inimigos do povo e da democracia. Infelizmente, ela existe por toda

parte. Em nosso país suas formas mais freqüentes são o clientelismo e a corrupção eleitoral. É preciso saber como funcionam, para que sejam denunciadas e eliminadas.

Os cargos políticos trazem muitas vantagens pessoais para quem os conquista. Além das vantagens legítimas, previstas por lei (como a boa remuneração, a imunidade parlamentar e a contratação de assessores) eles abrem possibilidade também para vantagens ilegítimas, decorrentes do uso do poder público para alcançar benefícios privados. Isso se dá, por exemplo, quando o Executivo contrata empreiteiras que praticam o superfaturamento ou que fazem obras com material de qualidade inferior ao previsto e embolsam a diferença. Depois dividem o lucro ilegal, seja como financiamento para a campanha eleitoral, seja como depósito fora do Brasil.

No caso de parlamentares, a forma mais usual de corrupção está na venda do voto para certos projetos de lei. Um exemplo: num bairro onde só são permitidas residências até quatro andares, uma empresa imobiliária quer construir grandes edifícios e tem grande interesse em ver aprovada uma lei que mude o plano diretor municipal. Alegando que o projeto favorecerá o desenvolvimento urbano, a maioria

dos vereadores o aprovará, recebendo depois um apartamento cada um... Esta é uma forma de corrupção tão difícil de ser provada, que alguns parlamentares chegam a dizer, cínicamente, que "é dando que se recebe"...

O profeta Jeremias assim descreveu esses políticos:

"Como gaiola cheia de passarinhos, assim as casas deles estão de coisas roubadas. Eles se tornaram ricos e importantes, gordos e reluzentes. (Jr. 5, 27)

Políticos corruptos, que buscam vantagens ilegítimas nos cargos públicos, só conseguem alcançar seus propósitos encobrindo-os com falsas promessas ou comprando votos de pessoas que desconhecem o valor do seu voto. São como lobos cobertos por peles de ovelhas, que se aproveitam da necessidade econômica de muitos cidadãos honestos, para oferecerem benefícios de ordem material na certeza de que quem recebe tais benefícios só poderá retribuir com o voto nas eleições.

COMBATE À CORRUPÇÃO ELEITORAL - LEI 9840

Foi para combater eficazmente essa forma perversa de compra de votos, que em 1997 a Comissão Brasileira Justiça e Paz (organismo vinculado com a CNBB) lançou a

proposta de "Combate à Corrupção Eleitoral". Ela obteve a adesão de muitos grupos e organizações e conseguiu reunir mais de um milhão de assinaturas para o Projeto de Lei de Iniciativa Popular. Ela foi aprovada pelo Congresso Nacional e passou a vigorar como a Lei 9840, que pune a compra de votos com a perda do mandato.

Esta foi uma vitória importante na luta contra a corrupção e os resultados são animadores: uma pesquisa divulgada em outubro de 2007 revelou que desde o ano 2000, ano da primeira eleição em que foi aplicada a Lei 9840, a Justiça Eleitoral cassou o mandato de 623 políticos acusados de compra de votos.

VAMOS PARTICIPAR!

É claro que ainda há muitos passos a dar para eliminar a corrupção da cena política brasileira, pois ainda existe candidato que compra e eleitor que vende voto. O primeiro passo é a formação da consciência de que "voto não tem preço, tem consequência". Cada voto é precioso, porque é a procura que damos a alguém para nos representar no exercício do Poder Público e todos queremos ter dignos representantes. Outro passo importante é fazer que as denúncias de corrupção eleitoral cheguem ao Ministério Público.

Para isso, o melhor instrumento de ação são os Comitês de Combate à Corrupção Eleitoral. Se houver pelo menos um comitê por município (nos municípios maiores é recomendável pelo menos um por zona eleitoral), só o medo de ser denunciado inibirá os políticos mal-intencionados.

Enfim, também na política vale a sabedoria do Evangelho: "pelos frutos, reconhecerás a árvore": político que tem muito dinheiro para gastar na campanha, ou que distribui favores, certamente não é árvore boa porque, se for eleito, ele fará de tudo para recuperar tudo que tiver gasto na campanha...

Convém estar atento aos candidatos que fazem doações para festas e eventos comunitários, oferecem faixas para festas religiosas, patrocinam torneios esportivos, facilitam consultas médicas e tratamento de dentes...

Após refletir sobre tudo isso, vai aqui um desafio: - o que você fará este ano para combater a corrupção eleitoral?

* Folheto produzido pelo Núcleo de Estudos Sociopolíticos da Arquidiocese de Belo Horizonte em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião - PUC Minas. Mais informações no site www.pucminas.br/nesp, ou no Vicariato para Ação Social e Política:(31)34224430

Tributo a um imprescindível: Dom Paulo Evaristo Arns

Celso Lungaretti

"Há homens que lutam um dia, e são bons; há outros que lutam um ano, e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons. Porém há os que lutam toda a vida.

Esses são os imprescindíveis."
(Bertolt Brecht, "Os Que Lutam")

A grande imprensa só destaca os personagens quando eles estão realizando coisas, completando décadas disso e daquilo ou morrendo. Vai daí que um homem como D. Paulo Evaristo Arns que está há 10 anos longe dos holofotes e é quase desconhecido das novas gerações.

Pior: alguns jovens formam seu conceito sobre ele a partir do que



lêem nos textos repulsivos da propaganda neo-integralista, apontando-o como principal inspirador da política de direitos humanos "que só protege os bandidos"...

Então, em vez de esperar que surja o que os jornalistas chamamos de gancho, uma justificativa qualquer para falar de

D. Paulo, vou fazê-lo unicamente porque se trata de um daqueles imprescindíveis a que se referiu Brecht. Neste Brasil da ganância e da competição que o capitalismo globalizado

está engendrando, é fundamental evocarmos exemplos como este, até como antídoto.

Cardeal e arcebispo emérito de São Paulo, D. Paulo está com 87 anos, é um homem combalido e tem problemas de audição -

decorrentes, esclarece, de ferimentos sofridos quando de uma tentativa de seqüestro num país latino-americano (pretendiam obter, em troca, a liberdade de um chefão do narcotráfico).

A entrevista que fiz há algum tempo com D. Paulo permanece atual, daí eu estar reproduzindo aqui seus principais trechos. Não quis privar os leitores da oportunidade de conhecer-lhe a história a partir de suas próprias palavras, que tive o privilégio de escutar numa ensolarada tarde de dia útil, no convento franciscano que fica ao lado da tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

No final, apesar de sua dificuldade de locomoção, fez questão de percorrer comigo o longo caminho até o corredor. E se despediu com uma frase marcante: "Precisamos contar essas histórias [do que aconteceu neste país durante a ditadura militar] às novas gerações. É importante que elas saibam de tudo isso!"

A missão do educador - Muitos programas pioneiros, na linha da inserção social, foram introduzidos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) entre novembro/1970 e maio/1998, período em que, como arcebispo metropolitano de São Paulo, D. Paulo foi Grão Chanceler da instituição.

Logo que se tornou o principal responsável pelos rumos dessa universidade, D. Paulo fez primeira visita ao Conselho da PUC. E disse: "Não quero uma escola de 2º grau melhorada. O que me interessa é que vocês façam uma pós que dê bons professores para todos os lugares do Brasil; e que todas as teses e tudo o que vocês discutirem além da escola se refira ao povo e ajude o povo. Que isso seja a norma daqui para a frente".

Os resultados não tardaram, diz D. Paulo. "A Arquidiocese se organizou em pastorais diferentes - p. ex., a Operária, a da Terra, a do Trabalhador -, então eu consegui que a Faculdade de Direito se interessasse em ir, durante a semana ou no sábado, à periferia e ver como se poderia ajudar essa população e quais os problemas reais da periferia. A mesma coisa aconteceu com a assistência social, que, aliás, está trabalhando nessa linha até hoje, com métodos sempre novos e recebendo apoio da Europa e de outros lugares, com uma eficiência muito grande."

Hoje, essas iniciativas pioneiras da PUC/SP encontraram muitos seguidores e há um sem-número de empresas e instituições esforçando-se para dar uma contribuição positiva à sociedade.

Ofícios para vítimas da ditadura - "Os estudantes da USP me

procuraram em 1973 quando um colega [Alexandre Vannucchi Leme] foi assassinado pelos órgãos de segurança. Os estudantes se reuniram, uns 10 mil, e mandarem representantes à minha casa, à noite, para que eu fosse lá falar aos alunos. Eu disse que era melhor reunir os estudantes, mas não dava para fazer no campus da universidade, porque ele estava cercado por policiais e oficiais do Exército."

"Então, decidi fazer na catedral. Eu disse: 'Na catedral, nós falamos o que queremos, e nós falaremos aos estudantes. Encham a catedral de estudantes e de povo, que nós diremos a verdade'. E foi o que eles fizeram. Às 15h, eu fui lá, fiz aquele ato solene em favor do estudante e celebrei a missa para o falecido. Fiz o sermão sobre o 'não matarás!', o mandamento central dos 10 mandamentos. Foi sobre isso que eu falei para eles, e eles participaram, vivamente, da missa e de toda manifestação religiosa posterior."

"Depois, em 75, foi a vez do Herzog; em 76, a do Manuel Fiel Filho; e em 79, a do Santo Dias, quando recebemos de 150 mil a 200 mil pessoas, que andaram desde a igreja de Nossa Sra. da Consolação. A multidão foi engrossando. Ao chegar na Catedral da Sé, não cabia nem na igreja nem na praça, então nós

fizemos uma cerimônia mais curta, mas muito mais participada por todos os operários."

Missa de 7º dia de Vladimir Herzog - Foi celebrada na Catedral da Sé, simultaneamente, por religiosos de três confissões: a católica (D. Paulo), a judaica (rabino Henry Sobel) e a protestante (reverendo James Wright).

"Quando o Herzog foi assassinado - lembra D. Paulo -, em 1975, os jornalistas me pediram que houvesse um ato ecumônico na catedral. Os judeus fazendo o ato deles em hebraico, portanto, não na língua que compreendêssemos. Foi impressionante e muito bonito."

[Modesto, D. Paulo evitou comentar que sua decisão foi um ato de enorme coragem. Primeiramente, porque a alta hierarquia católica não viu com simpatia sua iniciativa de oficiar missa ao lado de um rabino e de um reverendo. Depois, por ser um desafio frontal à ditadura militar, que o presidente Geisel engoliu, pedindo apenas a D. Paulo que segurasse seus radicais, "enquanto eu seguro os meus". Finalmente, por ter, em nome de ideal de justiça e solidariedade cristãs, corrido o risco da ocorrência de tumultos e mortes que teriam um peso

devastador em sua consciência de religioso. Graças a ele, foi viabilizado o ato que acabou se tornando um divisor de águas: a partir dessa vitória sobre a intimidação, a ditadura começou sua lenta, mas irreversível, marcha para o fim.]

Invasão da PUC em 1977 - "Eu estava em Roma quando o Erasmo Dias, então secretário da Segurança do estado de São Paulo, invadiu a PUC sem dizer ou ter motivo nenhum. Os estudantes estavam em exame e os policiais destruíram mais de 2 mil cópias de documentos, estragaram o refeitório, danificaram os instrumentos musicais e até derrubaram um professor no chão.

"Eu fui chamado às pressas de Roma e, na manhã seguinte, já dei uma declaração ao desembarcar no aeroporto, dizendo que 'na PUC só se entra prestando exame vestibular, e só se entra na PUC para ajudar o povo e não para destruir as coisas'. Depois, nós fizemos toda uma reação contra eles e toda uma manifestação junto aos estudantes."

Eleição direta para reitor da PUC - "No início dos anos 80, nós queríamos nos opor ao regime totalitário que estava vigorando no Brasil e provar que funcionários, professores e alunos são igualmente capazes de escolher

o diretor, o reitor ou o presidente da instituição."

"Antes eu reunia o conselho de cada classe, para ter uma certa democracia entre os professores, e pedia que me indicassem o nome. Achei que era pouca democracia. Então, pedi à reitora e aos três vice para haver uma escolha entre todos os alunos, que eu aceitaria o resultado e mandaria para a aprovação de Roma."

"E Roma aprovou imediatamente. Então, foi a primeira eleição dentro de uma universidade pontifícia católica e, também, foi a primeira vez que se escolheu um reitor entre todos os funcionários, alunos e professores."

Contratação de professores perseguidos - "O ministro da Justiça ordenou a expulsão de vários professores da Universidade de São Paulo. Então a reitora da PUC me telefonou perguntando se podia admiti-los entre nós. Eu disse: 'Não só pode como deve, porque são excelentes professores e patriotas'."

"O Florestan Fernandes até escreveu um artigo me agradecendo. Ele ficou satisfeito porque pôde dirigir os estudantes da pós-graduação na PUC da maneira mais livre possível."

"Quanto ao Paulo Freire, eu fui a Genebra para convencê-lo a voltar ao Brasil, depois de 10 anos de exílio. Garanti que eu iria cuidar da chegada dele aqui. E mandei toda a nossa Comissão de Justiça e Paz, que eram mais de 40 pessoas, junto com amigos, para recebê-lo em Campinas."

"De fato a polícia o prendeu, mas, depois de duas horas de interrogatório, eles viram que todos estavam contra eles e soltaram o Paulo Freire, que ficou conosco, com uma grande amizade comigo, até o momento da sua partida."

Convicções e esperanças - Sobre o Governo Lula, antes mesmo da crise do mensalão, D. Paulo já mostrava uma ponta de apreensão, ao se dizer esperançoso de que "o Brasil não perca esta ocasião e não afunde o barco em vez de conduzi-lo a uma margem da terra onde haja outra terra e outro céu, como diria a Sagrada Escritura; onde haja outra possibilidade de sonhar e outra possibilidade de viver com dignidade, mas para todas as pessoas e não só para uma parte".

E, inquirido sobre o menor engajamento atual da Igreja às causas sociais, ele finalizou com uma mensagem de esperança: "A

Igreja é o povo. Se o povo se mobiliza bem, a Igreja também se mobiliza. Então, é preciso unir esses dois conceitos, o povo de Deus e o povo, simplesmente. Nós precisamos caminhar para a fraternidade, para uma possibilidade de todos serem respeitados como filhos de Deus e irmãos uns dos outros".

Não há como retratar a grandeza de um D. Paulo Evaristo Arns numa única entrevista. Faltou dizer, p. ex., que ele criou a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo e foi o grande artífice do projeto Brasil: Nunca Mais (livro-levantamento dos casos de violações de direitos humanos durante o regime militar), integrando também o movimento Tortura Nunca Mais, dele decorrente.

O principal, no entanto, é que suas gestões junto às autoridades salvaram a vida e evitaram a tortura de resistentes, no pior momento da ditadura.

Fiel ao espírito da igreja das catacumbas, foi o pastor que tudo fez para que seu rebanho sobrevivesse a um tempo de lobos. Um imprescindível.

* Jornalista e escritor.

"Você deve ser o exemplo da mudança que deseja ver no mundo." Ghandi



Foto

A urna eletrônica é o símbolo moderno e atual das eleições nacionais.

A evolução tecnológica possibilita uma eleição muito mais democrática e livre de influências negativas.

Fato

Para divulgação da eleição o TSE utilizou criativa publicidade televisiva que ressalta os prejuízos que podem advir da desatenção ao importante momento eleitoral.

Razão

A publicidade apenas simboliza as consequências do descuido e da distração no ato da escolha, mas a autocrítica do próprio eleitor pode mais apropriadamente aquilatar os inconvenientes de uma escolha infeliz.

Não fique tão sério

Dois argentinos chegam a São Paulo, sem grana, e aí um diz para o outro:

- Vamos nos separar para pedir dinheiro e, ao final do dia, nos reunimos para ver quanto cada um conseguiu.

Já bem de noitinha se encontram de novo e um pergunta para o outro:

- E então, quando você conseguiu?

- Dez reais.

- E como fez?

- Fui ao parque e pintei um cartaz: "NÃO TENHO TRABALHO, TENHO 3 FILHOS PARA CRIAR, POR FAVOR PRECISO DE AJUDA."

- E você, quanto ganhou?

- Consegui 8.694,00 reais.

- Caramba! Como fez para conseguir tanto?

- Escrevi um cartaz assim:
"FALTA 1 REAL PARA EU VOLTAR PARA A ARGENTINA."



O mineiro, no leito de morte, sentindo o cherinho de pão-de-queijo sendo assado na cozinha, pede ao filho sentado ao lado da cama:

- Filho, satisfaça o último desejo de seu pai. Vá à cozinha e traga um pão-de-queijo para mim.

Minutos depois o filho retorna ao quarto do pai sem nada nas mãos.

- Cadê o pão-de-queijo?

- A mãe disse que o pão-de-queijo é para o velório.



Duas crianças de oito anos conversam no quarto.

O menino pergunta para a menina:
O que você vai pedir para o Dia das Crianças?

- Eu vou pedir uma Barbie, e você?

- Eu vou pedir um O.B.?

- O.B.? O que é isso?!

- Nem imagino, mas na televisão dizem que com O.B. a gente pode ir à praia todos os dias, andar de bicicleta, andar a cavalo, dançar, ir ao clube, correr, fazer um montão de coisas legais, e o melhor: sem que ninguém perceba!



Um homem gritava desesperadamente numa esquina movimentada do centro de São Paulo:

- SOCORRO! SOCOOOORRRO!!!

Chamava a atenção dos passantes, que não entendiam nada do que estava acontecendo.

E o homem continuava:

- SOCOOOORRRRRO!

SOCOOOOORRROOOOO!

De repente, não mais que de repente, uma mulher se dirige ao homem "desesperado".

- Socorro! Que demora, estou te gritando há um tempão e você não aparece !!!

Um funcionário que sempre foi o mais pontual da empresa chega ao trabalho uma hora atrasado, mancando, com o rosto todo amassado e os óculos quebrados.

- O que aconteceu com você? - Perguntou o chefe.

- Escorreguei, caí e rolei dois lances de escada!

- E levou uma hora pra fazer isso?



A funcionária, antigona, com o crachá na cintura, ouve do chefe novo querendo mostrar serviço:

- Dona Rosa, o crachá é para ser preso ao peito.

- Chefe, onde o senhor acha que ele está?



- Parei de beber café. Não gosto de ser dependente de substâncias químicas.

- E como se sente?

- Um pouco lento para me acostumar ao trabalho, mas já era de esperar uma segunda-feira.

- Mas hoje é quarta-feira!



Algumas das mentiras mais comuns do mundo:

Advogado: - Esse processo é rápido.

Balconista de padaria: - Este foi feito hoje.

Gerente de banco: - Trabalhamos com as taxas mais baixas do mercado.

Prostituta: - Nunca conheci ninguém igual a você.

Vendedor de sapatos: - Depois alarga no pé.

Chefe: - Estamos passando por uma fase temporária de contenção de despesas.



Dois amigos de infância se encontram na fila do banco:

- Nicolau!... Há quanto tempo.

- É mesmo, cara. Desde o ginásio.

- E aí, o que você tem feito da vida?

- Ah, eu virei vendedor.

- Sério? Que legal. E aí, o que você tem vendido?

- Até agora já vendi a TV, o som, a geladeira, o telefone. Quer comprar um Gol 88?



- Doutor, estou com um problema. Toda vez que estou na cama, acho que tem alguém embaixo. Aí eu vou para baixo da cama e acho que tem alguém em cima. Pra baixo, pra cima, pra baixo, pra cima. Estou ficando maluco!

- Deixe-me tratar de você durante dois anos, diz o psiquiatra.

- Venha três vezes por semana, e eu curo esse problema.

- E quanto o senhor cobra?

R\$ 150,00 por sessão.

- Bem, eu vou pensar.

Seis meses depois se encontram na rua.

- Por que você não me procurou mais? - pergunta o psiquiatra;

- A 150 reais a consulta? Um sujeito num bar me curou por 10 reais.

- Ah, é? Como? - pergunta o psiquiatra.

- Por 10 reais ele cortou os pés da cama.

ERA FRANCISCO DE ASSIS UM REVOLUCIONÁRIO?

É questão de interpretação!

"Francisco de Assis patrono dos pobres" (D.Helder Câmara)

No percurso do ano de 2008, a Família Franciscana comemora 800 anos da aprovação da sua Regra, chancelada por Honório III. A Regra vem a ser a explicitação do carisma franciscano, isto é, da intuição fundante que o Poverello de Assis tivera, movido pelo Espírito do Senhor, ao ouvir o texto evangélico na igreja de Porciúncula, juntamente com os seus primeiros companheiros, depois de muita indecisão na procura do processo de discernimento do que o Senhor queria deles. A Família Franciscana brasileira elaborou uma vasta programação ao ensejo do evento, culminando-a com um Congresso Franciscano em Brasília. São encontros, seminários, conferências, publicações.

Entre nós franciscanos, da primeira Ordem, fazemos a distinção entre Regra Bulada e Regra não Bulada. O que, em última análise, não se diferenciam fundamentalmente.



*Frei Cristóvão Pereira ofm**

Pode-se dizer, então, que a Regra Bulada é a confirmação jurídica da Regra não Bulada (Frei Celso Márcio Teixeira ofm: 2007). Para nós a prioridade está no espírito com que se lê, vive a letra da Regra. O que pretendemos com a nossa reflexão é entender o quanto o "Poverello" de Assis foi um revolucionário no seu tempo; e como nos interpela a ser um revolucionário nos dias de hoje.

O que não se pode permitir é um reducionismo crasso, isto é, fazer uma transposição de uma época para outra, sem levar em conta as nuances, as mudanças culturais de um período para o outro! Exigir do santo de Assis o mesmo nível de consciência política que, hoje, nos é cobrado! O que se pretende é tentar uma contextualização da figura histórica do santo de Assis. O que ele foi para o seu tempo (Igreja – Mundo). O que, como

franciscanos, somos provocados ser no Mundo e na Igreja de hoje.

No séc. XIII, estámos em plena decadência do Feudalismo e nos primórdios do sistema capitalista, com o surgimento da burguesia. "Burgo" significa um lugarejo que se vai tornando um centro comercial com uma reduzida industrialização nascente. Um exemplo: o pai de Francisco, Pedro Bernadone, era grande comerciante de tecidos com uma pequena indústria de tinturaria. P. Bernadone impregnado pelo espírito capitalista em expansão, teve dificuldade com o filho a quem esperava entregar a direção de seus negócios de quando idoso. Generoso, mão aberta, começou a dar prejuízo ao pai. Esse manteve-o preso no sótão de sua mansão; por fim, o processou junto ao Podestá da cidade, o Bispo Guido. Aos prantos de sua mãe, dona Pica foi expulso de sua casa.

O caráter profético-revolucionário de Francisco foi seu rompimento com a mentalidade burguesa de seu pai, de sua classe social, com o espírito dominante da época: a burguesia comercial, o capitalismo mercantil em plena expansão. A busca do enriquecimento (Mais-valia-lucro) às custas da plebe desempregada, oriunda do Feudalismo decadente! Foi sua mudança de lugar social (Boff, Leonardo:1886). Daí sua operá-

em relação ao dinheiro. Os irmãos que iam chegando recomendava que ganhassem o pão-de-cada-dia com o trabalho de suas mãos; não fossem proprietários de bens, nem capatazes, não buscassem títulos honoríficos. Caso fosse necessário, recorressem à mendicância.(Regula não Bulada, cap.IV –VI). Esta ruptura com o mundo burguês, seu distanciamento de uma Igreja poderosa, rica, honorífica (Alto Clero), indo morar com os leprosos marcam sua intuição revolucionária. "Quando o Senhor me deu irmãos, eu mesmo descobri o que queria." Exivi de saeculo" e fui morar com os leprosos (Testamento). Viver como irmãos (Fraternidade), em diácono, talvez para não ser considerado como hereje, renunciou a todo cargo e condecoração, tão abundante no meio eclesiástico. Seu grupo pioneiro era de cunho laical. Viver pobre com os pobres, como itinerantes anunciando a Boa Nova do Evangelho de Jesus, do qual a hierarquia da Igreja se distanciara! De viver **com os pobres, para os pobres, tornou-se um pobre** (Testamento), inspirado na práxis de Jesus de Nazaré (Encarnação – Vida oculta na carpintaria de Nazaré – talvez, junto com José, carapina nas construções da cidade de Séforis. Vida pública ambulante, na qualidade de Rabi e Nabi, itinerância de vida – sem bens e

casa para morar – paixão, crucifixão e morte “extra murus”, entre dois ladrões). Francisco foi uma figura impactante para o seu tempo. Em tudo isso um revolucionário. O Movimento Franciscano é um movimento de irmãos que se entendem como “Frades Menores, sob a inspiração do próprio Francisco. Os “maiores” vinham da nobreza feudal. Muito menos deixou-se iludir pela ambição de riqueza da nova classe social nascente, a burguesia. Disso, seu pai, foi um exemplo! (Boff, Leonardo:1886).

Contextualização

É notório que não podemos esperar de Francisco e de seu tempo uma análise científica de suas estruturas sociais. Uma consciência crítica da pobreza reinante, oriunda das estruturas sociais da Sociedade de então. Isso é coisa nossa, dos nossos tempos. Viverá tudo isso mais intuitivamente do que analiticamente.

Uma releitura do carisma franciscano tem que passar pelo crivo dos avanços das Ciências Sociais, pela crítica estrutural do mundo, da sociedade em que vivemos.

Hoje, tornam-se insuficientes, de pouca credibilidade, ações e políticas públicas de cunho assistencialista. A metodologia de um autêntico trabalho social não pode carecer de uma análise crítica de como a Sociedade está ordenada, visando sua transformação. Paulo Freire já

nos ensinava que “alfabetizar é ensinar a ler a realidade visando sua transformação.” Alfabetizar é criar novos revolucionários. Nas Pastorais Sociais usa-se o método VER-JULGAR-AGIR, assumido por parte do Vaticano II, adotado por Medellín e Puebla, boicotado em S. Domingo e agora, retomado pela Conferência de Aparecida. A História nos adverte que não adianta nadar contra a correnteza dos tempos. Pode dar câimbra nas pernas e na fé! Fazer pastoral, evangelizar sem conhecer o chão em que se pisa, como está estruturado, buscando alternativas mais justas e humanas, é burrice ou má vontade! O franciscano é antes de tudo um evangelizador.

Nas Ciências Sociais fala-se em análise crítica da Conjuntura; de metodologia científica. A fidelidade ao carisma franciscano em nossos dias exige do frade menor fidelidade à Realidade, solidariedade com os empobrecidos, marcar presença nas pastorais sociais e nos movimentos populares. Tendo o instrumental necessário para o trabalho, sem deles se apropriar. Assistencialismo é coisa emergencial, pontual e não estrutural. Francisco de Assis, além de patrono da Ecologia, para nós, seus irmãos, é o patrono dos excluídos da História (D. Helder Câmara).

* Frei Cristóvão Pereira ofm.
freicristovao@gmail.com

<http://teologiapolitica.blogspot.com/>



MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3218-4239
fatoerazao@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC,
pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3218-4239
livrariamfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3218-4239 - End. Eletrônico: fatoerazao@gmail.com